

REVISTA NACIONAL DE REABILITAÇÃO

# REACÃO

PESSOA COM DEFICIÊNCIA E DIVERSIDADE ASSISTIVA

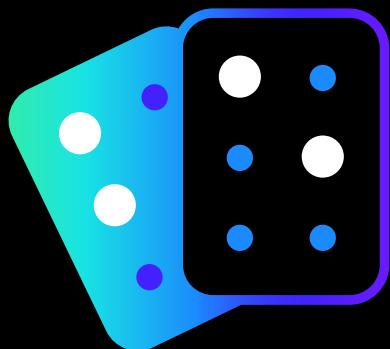


ESPECIAL

# CHEGOU!



## MOBILITY & SHOW



## Expo Braille



ANO XXVIII  
ED. 160  
MARÇO/ABRIL  
(MAIO)  
2025



CADERNO  
LONGEVIDADE



TECNOLOGIA



WSA  
WORLD SUMMIT AWARDS  
Brasileiros premiados  
no WSA Global



Nissan Kicks

Mobilidade com conforto  
e tecnologia.

# Tiggo 5X



PUASSE



Motor 1.5 TURBO TCI Flex



Central multimídia de 10,25" touchscreen com Android Auto, Apple Car Play e Bluetooth



Ar-condicionado eletrônico dual zone, com controle também na central multimídia



Direção elétrica (EPS), com volante esportivo multifuncional revestido de acabamento premium

**D21**  
MOTORS [d21motors.com.br](http://d21motors.com.br)

 Desacelere. Seu bem maior é a vida.

 CAOA CHERY

**Hyundai CRETA com até  
R\$ 31.000,00 de desconto.**



**Versões a partir  
de R\$ 126.990,00**

 Desacelere. Seu bem maior é a vida.

Consulte condições em [www.hyundai.caoa.com.br](http://www.hyundai.caoa.com.br)

Oferta válida para 31/6/2025

**CAOA**

**5** ANOS Garantia  
Sem limite de quilometragem

 HYUNDAI



A Revista Nacional de Reabilitação - REAÇÃO é uma publicação bimestral da C & G 12 Editora Ltda

Telefone (PABX):  
(11) 3873-1525

[www.revistareacao.com.br](http://www.revistareacao.com.br)  
 contato@revistareacao.com.br

**Diretor Responsável - Editor**  
Rodrigo Antonio Rosso

**Administração e Financeiro**  
Patricia Rosso

**Dept. Comercial**  
Alex Lima  
Levy Carneiro

**Diagramação**  
Rodrigo Martins

**Consultores Técnicos**  
Renato Baccarelli  
Suely Carvalho de Sá Yanez

**Colaboradores**  
Kelly Freymann  
Rodolfo Sonnewend  
Celise Melo  
Kica de Castro  
Bruno Oliveira de Carvalho  
Igor Lima  
Cid Torquato  
Fabiano D'agostinho  
Leidiane Ferraz  
Guto Maia  
Pedro Rosengarten  
Lúcia Figueiredo  
Andrea Bussade  
Geraldo Nogueira  
Maria De Mello  
Jorge Amaro S. Borges  
Marta Gil  
Alexandro Menegócio  
Mariana Santaliestra  
Maria Cristina Hoffmann  
Paulo Sérgio Barros  
Ana Carolina de Almeida

**Assinaturas:**  
**Fone: 0800-772-6612**

**Tiragem:** 10 mil exemplares

**Redação, Comercial e Assinaturas:**  
Caixa Postal: 46.322 - CEP 05110-970  
São Paulo - SP

É permitida a reprodução de qualquer matéria ou artigo publicado na REVISTA REAÇÃO - Revista Nacional de Reabilitação - desde que seja citada a fonte.

\* Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião deste veículo, sendo assim, de responsabilidade exclusiva de seus autores.

**APOIO:**



## ■ EDITORIAL

# MOMENTO DELICADO !

**O** Brasil vive um momento delicado no que diz respeito às leis e conquistas das pessoas com deficiência. Já não bastasse as perdas que o movimento já teve nos últimos anos em relação a tantos direitos que com muita luta e suor foram conquistados, agora vem mais essa preocupação que está sendo motivo de repúdio por parte de várias instituições e organizações ligadas às pessoas com deficiência, e também, motivo de revolta e de manifestações da sociedade civil em todas as partes do País.

Trata-se do Projeto de Lei nº 1584/2025, de autoria do deputado Duarte Júnior (PSB/MA), que é presidente da Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência. O projeto, conhecido como “Código Brasileiro de Inclusão”, tem uma proposta de consolidação das normas existentes. Mas, segundo o movimento das pessoas com deficiência que estão se manifestando contrariamente a ele, a sua tramitação e conteúdo suscitam graves preocupações jurídicas e sociais. O PL 1584/2025, ao pretender sistematizar legislações relativas às pessoas com deficiência, pode implicar na revogação de dispositivos fundamentais da Lei 13.146/2015 - LBI – Lei Brasileira de Inclusão – que neste ano de 2025, completará 10 anos e é um marco civilizatório da cidadania plena e da igualdade de direitos.

O que vem causando estranheza e revolta é que a proposta está sendo elaborada sem o devido diálogo com o segmento, contrariando diretamente o princípio do “Nada sobre nós sem nós”, consagrado na Convenção da ONU - Direitos das Pessoas com Deficiência - da qual o Brasil é signatário. Essa exclusão, o não ouvir as PCD, isso compromete a legitimidade e a representatividade de qualquer iniciativa voltada aos cidadãos com deficiência.

O problema maior é que o “Código Brasileiro de Inclusão” determina expressamente a revogação total de 3 legislações fundamentais e, na prática, coloca todo o conteúdo dessas leis, que hoje garantem direitos à educação inclusiva, ao transporte acessível, à saúde sem discriminação e à plena capacidade legal, em nova tramitação. Isso reabre debates já vencidos com muita luta e acaba abrindo espaço para retrocessos. Será que vale a pena recomeçar do zero novamente todas as discussões que já foram feitas no passado ? Para que remexer em tudo isso ? Quem ganha com isso ? Porque as pessoas com deficiência só vão perder. Isso está claro.

Durante a MOBILITY & SHOW + EXPO BRAILLE 2025, em São Paulo/SP, o tema será discutido, inclusive, com a presença da sociedade civil e do próprio autor do PL, Duarte Jr., que já confirmou a sua presença no evento no dia 9 de maio, na abertura e no painel principal.

As manifestações Brasil afora continuam firmes em defesa da proteção da LBI, que é o Estatuto da Pessoa com Deficiência e mais do que sofrer mudanças, precisa ser colocada em prática em sua essência e totalidade.

Vamos aguardar os próximos capítulos dessa nova “novela”, porém, temos que ser protagonistas desse enredo e não apenas espectadores.

Vamos em frente, juntos, TODOS somos mais fortes ! 

**Rodrigo Rosso**  
Diretor/Editor



*“Mas tu, Senhor, és o escudo que me protege; és a minha glória e me fazes andar de cabeça erguida.”*

*Salmo 3:3*

# MOBILITY & SHOW + EXPOBRAILLE 2025

PELA PRIMEIRA VEZ AS MOSTRAS SE UNEM PARA FAZER O MAIOR EVENTO DE ACESSIBILIDADE DO BRASIL



**A**união da MOBILITY & SHOW com a EXPOBRAILLE em um único evento, criou um espaço inovador e totalmente acessível para o público com deficiência. A feira acontece de 9 a 11 de maio de 2025, no Transamérica Expo Center, na zona sul de São Paulo/SP, oferecendo uma experiência completa, reunindo tecnologia, informação e as principais soluções em mobilidade e acessibilidade.

O Expo Transamérica foi escolhido estratégicamente por sua ampla infraestrutura, conforto, acessibilidade e por ser um ambiente climatizado, que oferece segurança e bem-estar aos visitantes. Com fácil acesso através do Metrô e CPTM, e estacionamento no local, o espaço proporciona uma experiência otimizada tanto para visitantes quanto

para expositores, reforçando o compromisso do evento com a inclusão.

A MOBILITY & SHOW já é uma velha conhecida das pessoas com deficiência. Ela é uma exposição voltada para automóveis 0KM com isenção de impostos, adaptações, equipamentos e serviços destinados a pessoas com deficiência, idosos, obesos, acidentados e indivíduos de alta e baixa estatura, seus familiares e profissionais do setor. Ela foi criada em 2015 seguindo o modelo de uma feira internacional de sucesso, a Mobility Road Show, que era realizada há mais de 40 anos em Londres, e consolidada como referência no setor. Já a EXPOBRAILLE foi lançada em 2020 durante o 1º Encontro Brasil de Acessibilidade (ENBRA-CE), destacando-se por promover a autonomia de pessoas com deficiência visual por meio de soluções tátteis inovadoras.



#### O QUE TEM NO EVENTO ?

A união dos dois eventos vem para ter uma programação pensada para atender pessoas com deficiências físicas, intelectuais, sensoriais e múltiplas, além de idosos, familiares e profissionais de diversas áreas, como: ortopedia, educação, arquitetura e mobilidade, inclusão, reabilitação, saúde, recursos humanos e muito mais. Também estarão presentes no evento de 2025: órgãos públicos, prefeituras, instituições financeiras e associações do setor, ampliando o debate sobre acessibilidade e inclusão.

A exposição contará com a participação de fabricantes, distribuidores e revendedores de produtos e serviços de tecnologia assistiva, além de instituições e empresas especializadas em soluções táteis para o público com deficiência visual.

Os visitantes terão acesso à uma variedade de produtos e serviços, incluindo montadoras de automóveis, concessionárias, despachantes, empresas de isenção, autoescolas especializadas, fábricas e lojas de cadeiras de rodas, muletas, bengalas, próteses, órteses, cadeiras e equipamentos especiais. Além disso, haverá demonstrações de placas de sinalização tátil, pisos táteis, soluções e materiais impressos em braille.

Como é tradição, a entrada no evento é gratuita e também haverá transporte gratuito para o público, com vans comuns e adaptadas – ida e volta - partindo do Metrô Santo Amaro.

Na feira, um dos pontos altos do evento é que os visitantes poderão realizar test-drives em veículos adaptados de diversas marcas e modelos, sempre acompanhados por instrutores treinados. Além de poder negociar os veículos 0KM diretamente nos estandes das mais de



#### VISITA POR APlicativo !

A Biomob – parceira da Mobility & Show desde a sua primeira edição - é referência nacional em projetos de acessibilidade. E este ano, a Mobility & Show + Expobraille vai poder contar com uma solução inovadora que vai potencializar a experiência dos visitantes. Trata-se do aplicativo colaborativo BIOMOB+, que funcionará como uma espécie de GPS indoor durante a feira. Por meio dele, o visitante poderá localizar estandes, banheiros, praça de alimentação, auditório e outros pontos de interesse do evento, promovendo uma verdadeira visita guiada, especialmente útil para pessoas cegas e com baixa visão. A ferramenta garante mais autonomia e segurança ao público, reforçando o compromisso com a acessibilidade plena. Outro destaque é o sistema T.I.N.A., que utiliza geo-referenciamento para otimizar a mobilidade de visitantes com deficiência visual em tempo real. A feira também contará com a presença do Instituto Biomob, braço social da organização, com iniciativas voltadas ao fortalecimento de minorias sociais, incluindo mães solo, refugiados, pessoas LGBTI+ e egressos do sistema prisional.



10 marcas diferentes presentes, inclusive veículos elétricos e híbridos.

Outro ponto de atração é o espaço chamado de Braille Experience. Uma atração especial, que proporciona uma vivência completa sobre a história do Braille e todo seu processo de impressão, desde os primórdios da história, até hoje, com a impressão chamada de braille tinta. Lá os visitantes poderão fazer suas próprias impressões em braille, levando para casa uma lembrança especial personalizada.

Além dos expositores, na Mobility & Show + Expobraille 2025 os visitantes encontrarão uma vasta programação de palestras, painéis, workshops, rodas de conversa, shows e apresentações artísticas e esportivas. Um grande auditório fechado com proteção acústica, foi montado que terá nomes de expressão nacional e internacional marcando presença e trocando conhecimento. Ao lado, um auditório



**OS PADRINHOS OSMAR SANTOS  
E FERNANDA BIANCHINI**

A MOBILITY & SHOW + EXPOBRAILLE 2025 tem o icônico ex-narrador esportivo Osmar Santos, hoje pessoa com deficiência, como padrinho desde 2015. E este ano, uniu-se a ele a renomada bailarina e coreógrafa Fernanda Bianchini, como madrinha do evento.

Osmar Santos é conhecido nacionalmente como “O Pai da Matéria”. Ele revolucionou a narração esportiva no Brasil, tornando-se um ícone do rádio e da televisão. Com sua voz marcante, embalou grandes momentos do futebol brasileiro e foi figura simbólica no movimento das Diretas Já, na década de 1980. Até que, em 1994, um grave acidente de carro mudou sua vida, deixando sequelas motoras e na fala. Osmar se reinventou então, como artista plástico, usando a pintura como uma nova forma de expressão. A sua história de superação e resiliência o tornou uma inspiração para milhões de brasileiros que amam não só sua trajetória profissional, mas sua alegria e simpatia. Seus quadros estarão expostos no evento.

A madrinha Fernanda Bianchini é criadora e diretora da Associação que leva seu nome e é conhecida como o primeiro e único Ballet de Cegos do mundo, tornando-se uma referência internacional em acessibilidade na arte. A criação de um método de ensino permitiu que pessoas cegas e com deficiência visual desenvolvessem habilidades na dança clássica, quebrando barreiras e preconceitos. A abertura da feira contará com a apresentação do Ballet de Cegos juntamente com a Orquestra Mista Paraisófica do Instituto Humanus e regida pelo Maestro Rodrigo Vitta, com músicos com e se deficiência.



aberto – chamado de Lounge – também irá, paralelamente, receber nomes de peso e influencers digitais do nosso segmento. Os influencers, aliás, terão um espaço só deles, uma Sala Vip, onde poderão ficar, fazer network e trocarem ideias e conhecimentos entre eles. Além de atender aos fãs e seguidores.

Um grande palco também foi montado onde artistas com deficiência vão se apresentar durante os 3 dias de evento. Ao lado, uma quadra poliesportiva receberá jogos e apresentações de atletas paraolímpicos e esportistas com deficiência nas mais diferentes modalidades. Tudo isso, junto de uma praça da alimentação com food-trucks.

Também tradicional é a presença dos queridos voluntários treinados para auxiliar pessoas cegas, idosos e pessoas com mobilidade reduzida. Bem como o empréstimo de scooters motorizadas para pessoas com mobilidade reduzida e idosos também.

Serão mais de 50 expositores e mais de 200 atrações diferentes em 3 dias de evento. São esperados um público entre 12 e 15 mil pessoas no total, gente que vem de todas as partes do País em busca de soluções, network e uma melhor qualidade de vida. ☺



**MAIO2025 | TRANSAMERICA  
EXPO CENTER**

**MOBILITY & SHOW + EXPO BRAILLE 2025**

Data: 9 a 11 de maio de 2025

Local: Transamérica Expo Center

Endereço: Av. Dr. Mário Vilas Boas Rodrigues, 387

Santo Amaro - São Paulo/SP

Entrada e transporte ida e volta Gratuitos

(estação Santo Amaro do Metrô)

Mais informações: [www.mobilityexpobraille.com.br](http://www.mobilityexpobraille.com.br)

# O FUTURO DA AUDIÇÃO CHEGOU!

A nova linha de aparelhos auditivos com tecnologia avançada e design inovador para oferecer a melhor experiência auditiva de todos os tempos!



#### Impermeável e resistente\*

Feito para **resistir** ao suor, sujeira, poeira, quedas e mergulhos.



#### Bateria para o dia todo

Até **51 horas** de duração da bateria com uma única carga.



#### Design discreto e confortável

Encaixe perfeito, **imperceptível** para os outros.

Aponte a câmera do seu celular  
para o **QR Code** e acesse mais  
informações ou ligue grátsis:

0800 011 64 91  
[www.microsom.com.br](http://www.microsom.com.br)



# INOVAÇÃO BRASILEIRA É PREMIADA NO WSA GLOBAL!



**A**ntes de mais nada, gostaria de agradecer o Sistema Reação, na figura de seu comandante Rodrigo Rosso, pelo apoio que tem dado ao Prêmio WSA Brasil nestes últimos anos ! Sem este tipo de parceria do bem, não teríamos alcançado o crescente sucesso na produção desta que é a maior e mais importante premiação de inovação digital do planeta !

Agradecimentos feitos, tenho a satisfação de comunicar que Cataki - [www.cataki.org](http://www.cataki.org) - e NaPorta - [naporta.digital](http://naporta.digital) - foram escolhidos como os melhores projetos do mundo nas categorias “Assentamentos Inteligentes e Urbanização” e “Negócios e Comércio”, no começo de abril, em Telangana, na Índia, no Congresso Global WSA 2025. Jade Autismo, nosso representante em “Inclusão e Empoderamento”, ficou entre os 5 finalistas, selecionados entre milhares de projetos de mais de 100 países !

A sigla “WSA” vem de World Summit Award, que quer dizer “Prêmio da Cúpula Mundial”.

Criado em 2003, em Genebra, na Suíça, no âmbito da Cúpula Mundial das Nações Unidas sobre a Sociedade da Informação - WSIS - World Summit on the Information Society - vem sendo realizado desde então, coordenado pelo Centro Internacional de Novas Mídias - (ICNM - International Center for New Media - de Salzburg, Áustria.

São 8 as categorias e, além das já mencionadas, temos “Engajamento do Governo e do Cidadão”, “Saúde e Bem Estar”, “Aprendizagem e Educação”, “Meio Ambiente e Energia Verde” e “Cultura e Patrimônio”. Qualquer órgão público, empresa, entidade ou indivíduo podem concorrer.

No Brasil, além das categorias mencionadas, por minha ligação com a temática, criamos o Prêmio Especial de Acessibilidade, reconhecendo o projeto mais acessível e inclusivo entre os vencedores da etapa nacional.

Na verdade, o WSA tornou-se um verdadeiro festival tecnológico de diversidade e inovação, realizando, além do prêmio, congressos, seminários e eventos realmente marcantes, tanto pela representatividade de seus participantes como pela qualidade de suas estruturas e produções.

Este ano, na competição global, nosso sucesso foi surpreendente, demonstrando ao mundo o alto nível de inovação que temos neste nosso imenso país !

Sempre performamos bem ao longo desses anos todos ! Hand Talk - [www.handtalk.me](http://www.handtalk.me) - e E-Blocks - [educacional.com.br](http://educacional.com.br) - se destacaram no passado. Além de ficarem em primeiro lugar em suas categorias, também foram escolhidos como os melhores entre todos os vencedores.

Receita Federal, com o imposto online; TIN - Telecentros de Informação e Negócios, do Ministério do Desenvolvimento; e Sistema Ambiental Paulista - SAP, do Governo do Estado de São Paulo; esses do setor público. E Apontador, MyFunCity, Teckler, Colabo.re, Livox, CleverCare, Guia de Rodas, Zumpy, Museu do Ontem, Beabá do Câncer, Phelcon Eyer, GreenPlat, Velotax e Mar 360°, esses de empresas e ONGs, foram os demais finalistas ao longo destes 22 anos !

Vários desses nomes são virtualmente desconhecidos, embora, em geral, sejam bem-sucedidos nos seus nichos. Com certeza, este é o principal atributo do WSA: reconhecer e showcase projetos de vanguarda, de inovação pura, dos lugares mais improváveis do mundo, informando e, por tabela, influenciando mais novos negócios, em um ciclo virtuoso e - per se - inovador !

Sou o embaixador e representante do WSA no Brasil desde sempre ! Uma honra e um privilégio, que me permitem navegar nesse universo da inovação-raiz aqui e lá fora.

Estamos planejando para 2026 um grande congresso global sobre inteligência artificial e inovação aqui no Brasil. Compartilharei as novidades quando as tiver, com a certeza de contar com a colaboração do Sistema Reação também para o êxito desta nova e pioneira iniciativa !

Por sinal, atenção, em maio, abriremos as inscrições para o WSA Brasil 2025 !

Mas você já pode ir obtendo mais informações sobre nossa premiação transformadora visitando os sites: [www.premiowsa.com.br](http://www.premiowsa.com.br) e [www.wsa-global.org](http://www.wsa-global.org).

Venha fazer parte da comunidade WSA ! 



**Cid Torquato**

é advogado e Embaixador do ICOM - Plataforma de Atendimento em Língua de Sinais. Foi Secretário Municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo e Secretário Adjunto de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Atua também como coordenador do Núcleo de Inovação em Acessibilidade do InovaUSP - E-mail: [cid@torquato.org](mailto:cid@torquato.org)



## ISENÇÃO DE IPI + SUPER BÔNUS DA MONTADORA

NEW

**HR-V**  
**EX** 25/25



De: R\$158.300,00  
POR  
**R\$ 130.977,42**

cores metálicas

NEW

**HR-V**  
**EXL** 25/25



De: R\$168.100,00  
POR  
**R\$ 139.085,94**

cores metálicas

ACESSE O SITE



 Desacelere. Seu bem maior é a vida.

Promoção válida exclusivamente ao segmento PCD até 31/05/2025 ou enquanto durarem os estoques.

(11) 3030-1500  
@hpointhonda  
[www.hpoint.com.br](http://www.hpoint.com.br)

 **HPoint**

## VENHA NOS VISITAR NA MOBILITY SHOW E APROVEITE A PROMOÇÃO IMPERDÍVEL DA TOYOTA



**COROLLA SEDAN GLI  
COM ISENÇÃO DE IPI**



**18% DESCONTO DE  
FÁBRICA PARA PCD**



**T-DRIVE**

# A HISTÓRIA COMPLEXA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

**A**o longo da história da humanidade, as pessoas com deficiência têm sido vistas e tratadas de maneiras muito diferentes, dependendo da cultura, da religião e da sociedade em que viviam. Desde a antiguidade até os dias atuais, a percepção e o tratamento das pessoas com deficiência têm sido marcados por uma complexa mistura de inclusão, exclusão, compaixão e discriminação. Vamos viajar no tempo?

## CULTURA DOS POVOS ANTIGOS

Em muitas culturas antigas, as pessoas com deficiência eram vistas como possuindo habilidades especiais ou como sendo mais próximas dos deuses. Por exemplo, na Grécia antiga, as pessoas com deficiência eram frequentemente associadas a divindades e eram consideradas como possuindo dons proféticos. Já na África, algumas tribos consideravam as pessoas com deficiência como possuindo habilidades espirituais especiais ou como sendo mais próximas dos ancestrais.

No entanto, em outras culturas, as pessoas com deficiência eram vistas como uma maldição ou um castigo dos deuses. Por exemplo, na antiga Esparta, as crianças com deficiência eram frequentemente abandonadas ou sacrificadas, pois eram vistas como uma ameaça à saúde e à pureza da sociedade.

## REGISTRO SOBRE OS PCD AO LONGO DOS SÉCULOS

Ao longo dos séculos, as pessoas com deficiência têm sido registradas em diversas formas de arte, literatura e documentação histórica. Por exemplo, na arte egípcia antiga, há representações de pessoas com deficiência física e intelectual. Já na Idade Média, as pessoas com deficiência eram frequentemente retratadas como possuindo habilidades milagrosas ou como sendo objeto de caridade.

No entanto, também há registros de discriminação e exclusão. Por exemplo, durante a Idade Média, as pessoas com deficiência eram frequentemente segregadas em instituições ou asilos, onde eram cuidadas por monges e freiras.

## RELIGIÃO E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

A religião tem desempenhado um papel importante na forma como as pessoas com deficiência são vistas e tratadas. Em muitas religiões, as pessoas com deficiência são vistas como possuindo um valor especial ou como sendo mais próximas de Deus. Por exemplo, no cristianismo, as pessoas com deficiência são frequentemente vistas como possuindo uma vulnerabilidade especial que as torna mais próximas de Deus.

No entanto, também há religiões que têm visões mais negativas sobre a deficiência. Por exemplo, em algumas culturas africanas, as pessoas com deficiência são vistas como possuindo um espírito maligno que precisa ser exorcizado.

## CREENÇAS DOS POVOS ANTIGOS

Os povos antigos tinham crenças complexas sobre as pessoas com deficiência. Por exemplo, em algumas culturas, acreditava-se que as pessoas com deficiência eram possuídas por espíritos malignos ou que eram um castigo dos deuses. Já em outras culturas, acreditava-se que as pessoas com deficiência possuíam habilidades especiais ou que eram mais próximas dos deuses.

A história das pessoas com deficiência é complexa e multifacetada. Ao longo dos séculos, as pessoas com deficiência têm sido vistas e tratadas de maneiras muito diferentes, dependendo da cultura, da religião e da sociedade em que viviam. No entanto, é importante reconhecer que as pessoas com deficiência têm sempre sido uma parte importante da sociedade e têm contribuído de maneira significativa para a cultura e a história da humanidade.

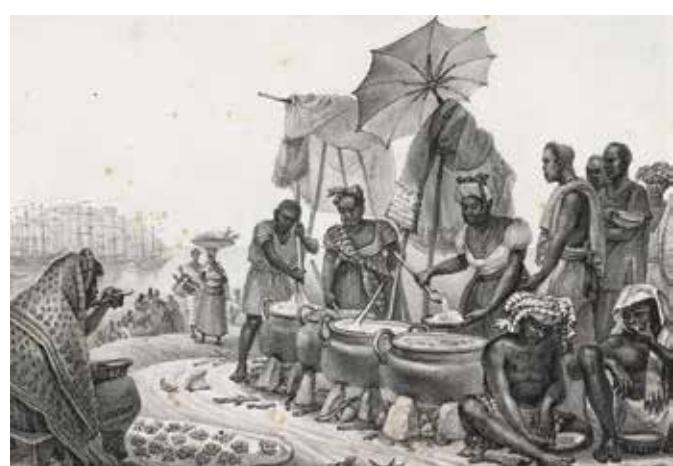
Hoje em dia, é fundamental que continuemos a trabalhar para promover a inclusão e a igualdade das pessoas com deficiência. Isso inclui garantir o acesso à educação, emprego e serviços de saúde, bem como combater a discriminação e a exclusão. Só assim podemos criar uma sociedade mais justa e mais inclusiva para todos.

A cultura dos povos varia enormemente ao longo do tempo e do espaço. Aqui vai uma visão geral da cultura dos povos em diferentes partes do mundo e épocas:

## ÁFRICA

**- Antiguidade:** as culturas africanas, como os egípcios, núbios e axumitas, desenvolveram sistemas complexos de governo, religião e arte. A hierarquia social era baseada na nobreza e na religião.

**- Idade Média:** as culturas africanas medievais, como os reinos de Gana, Mali e Songhai, desenvolveram sistemas de comércio e governo sofisticados. A religião islâmica teve um impacto significativo na região.



**- Época Moderna:** as culturas africanas modernas são diversas e influenciadas pela colonização europeia e pela globalização. A música, a dança e a arte são aspectos importantes da cultura africana.

## ÁSIA

As culturas asiáticas antigas, como os chineses, indianos e japoneses, desenvolveram sistemas complexos de filosofia, religião e governo. A filosofia confucionista e o budismo tiveram um impacto significativo na região.

**- Idade Média:** as culturas asiáticas medievais, como os impérios chinês e mongol, desenvolveram sistemas de governo e comércio sofisticados. A religião islâmica e o budismo continuaram a influenciar a região.

**- Época Moderna:** as culturas asiáticas modernas são influenciadas pela globalização e pela tecnologia. A economia e a política são aspectos importantes da cultura asiática.

## EUROPA

As culturas europeias antigas, como os gregos e romanos, desenvolveram sistemas complexos de filosofia, arte e governo. A democracia e a filosofia ocidental tiveram origem na Grécia antiga.



**- Idade Média:** as culturas europeias medievais, como a Igreja Católica e os reinos feudais, desenvolveram sistemas de governo e religião sofisticados.

Existem vários exemplos de pessoas com deficiência que ocuparam reinados na história da humanidade. Aqui estão alguns exemplos:

**1 - Rei Tutancâmon (Egito Antigo):** Tutancâmon é conhecido por sua deficiência física, que incluía um pé torto e uma condição óssea que o tornava difícil de andar. Apesar disso, ele se tornou faraó do Egito aos 9 anos de idade e governou de 1332 a 1323 a.C.



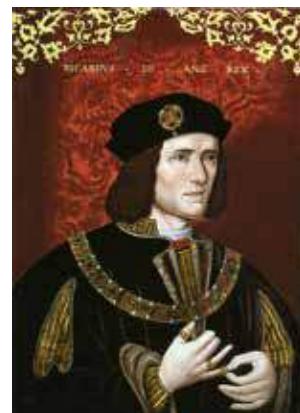
**2 - Rei Carlos II da Espanha (Espanha):** Carlos II era conhecido por sua deficiência física e mental, que incluía epilepsia, problemas de fala e dificuldades de aprendizado. Ele governou a Espanha de 1665 a 1700.



**3 - Rei João VI de Portugal (Portugal):** João VI sofria de uma deficiência mental que o tornava difícil de tomar decisões. Ele governou Portugal de 1816 a 1826.



**4 - Imperador Cláudio (Roma Antiga):** Cláudio era conhecido por sua deficiência física, que incluía uma claudicação e problemas de fala. Ele governou o Império Romano de 41 a 54 d.C.



**5 - Rei Ricardo III da Inglaterra (Inglaterra):** Ricardo III é conhecido por sua deformidade física, que incluía uma escoliose que o tornava curvado. Ele governou a Inglaterra de 1483 a 1485.

Esses exemplos mostram que, apesar das deficiências, essas pessoas foram capazes de ocupar cargos de liderança e governar seus respectivos reinos. No entanto, é importante notar que a percepção e o tratamento das pessoas com deficiência variaram ao longo da história e dependiam do contexto cultural e social.

Essa matéria visa mostrar a complexidade e a riqueza da história das pessoas com deficiência, destacando a importância da inclusão e da igualdade para todos. Além disso, busca inspirar reflexão e ação para criar uma sociedade mais justa e mais inclusiva para as pessoas com deficiência.



### Dica da autora

“Ser mãe é um ato de amor incondicional, e não há nada mais atípico do que o amor que uma mãe tem por seu filho, independentemente das circunstâncias.”



\*Indicação de Livro: “As pessoas com deficiência na história do Brasil”.



### Kelly Freymann

é mãe atípica, Santista, Técnica em Nutrição, Gestão Pública e ativista da causa PCD. E-mail: kellyfreymann777@gmail.com

# PROGRAMA TEACOLHE REVOLUCIONA ATENDIMENTO ÀS PESSOAS AUTISTAS NO RIO GRANDE DO SUL

**T**udo vale a pena quando a Alma não é pequena": esse foi o depoimento de **Arita Bergmann**, Secretária de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul.

"Quando o nosso atual governador, Eduardo Leite, era vereador em Pelotas/RS, ele foi procurado por mães de crianças atípicas, de meninos e meninas autistas, e veio o pedido por políticas públicas voltadas para a deficiência se ele fosse eleito prefeito da cidade, se ele se elegesse, obviamente.

O então vereador ouviu essas mães, que faziam parte de uma associação muito ativa em Pelotas/RS, ouviu as histórias, ouviu as angústias, as preocupações que elas trouxeram então candidato a prefeito, na época.

Quando **Eduardo Leite** se elege, ele se mobiliza no sentido de ter um serviço que pudesse dar conta, efetivamente, desse assunto. E lá no município de Pelotas/RS montou um espaço que levou o nome "Danilo Rolim de Moura", que era um pediatra da cidade, muito preocupado com essas questões do autismo. O então secretário de educação - doutor Cachoeira - fez a montagem do centro de atendimento em parceria com a saúde, com a assistência, com todas as equipes. Foi montada uma equipe de cuidado.

"Então, quando ele se elegeu governador do RS, Eduardo disse: eu não quero que tenha só em Pelotas/RS, eu quero que aquilo que acontece em Pelotas/RS possa acontecer no Estado inteiro", conta Arita Bergmann.

Então, o projeto advém dessa experiência importante feita no município do interior gaúcho, onde ele foi prefeito. "Agora, ele busca que nós, Estado, que não somos executores diretos da política, criassemos um projeto que incentivasse esses serviços a existirem em todos os



espaços. Mas, por um lado, às vezes montar um prédio, mesmo que bonito, só atenderia uma população muito pequena. Então, a análise era como podemos olhar para os nossos serviços existentes, sejam APAES ou serviços municipais com um olhar de qualidade para essa população. Então, o desenho foi construído dessa experiência municipal, que foi uma experiência de sucesso, e foi encomendado que não fosse só em algumas cidades, que a gente tivesse realmente espalhado para que as mães, pais, famílias não precisassem andar tantos espaços e tantas distâncias para receber a atenção e o atendimento. Então, por isso que quando o governador diz que eu falo com tanto carinho, é porque ele foi movido por todas essas famílias e se sensibilizou e passou a estudar e conhecer profundamente o assunto, e é uma pauta que a gente sabe que mora no coração dele", afirma a secretária.

O TEAcolhe nasce de um desejo do governador do estado, das equipes em ter um trabalho robusto, não só no sentido de atendimento à saúde das pessoas com o TEA e o apoio às suas famílias, mas com o objetivo de formar, de integrar a rede de assistência, porque sabemos que as pessoas estão em todos os locais. "Nós sabemos que uma pessoa com autismo em diversos níveis de suporte pode estar na escola, na assistência social, dentro de um serviço de saúde", diz Arita.

Então, como conta a secretária, era necessário um programa que desse conta desta complexidade e, ao mesmo tempo, atingisse a todo o estado do Rio Grande do Sul, que aproximasse os serviços das pessoas e das suas famílias, que as famílias se sentissem acolhidas e orientadas e que fosse, inclusive, além disso, orientando, por exemplo, áreas da so-



ciedade, hotelaria, espaços de serviços públicos como o Tudo Fácil, que é um sistema em que o pessoal vai para fazer documentação, redes diversas onde as pessoas circulam e precisam ter a informação adequada. "O objetivo era qualificar a todos, com o objetivo de transformar o Rio Grande do Sul num ESTADO que fosse realmente inclusivo na essência da palavra, na inclusão em todos os espaços possíveis com uma formação forte para todos os profissionais", lembra Arita.

"Acho que é importante dizer que, muitas vezes, os serviços já atendiam pessoas com TEA, mas muitas vezes sem as especializações necessárias para tal. O objetivo foi esse: criar o serviço, sim, mas também fazer com que cada vez pudessem ser mais qualificados", garante ela.

Hoje, o Estado tem um desenho de serviços que matrícia os serviços que já existem, que atenda as pessoas através da regulação, no caso da saúde, que forma dentro dos espaços e que, inclusive, pesquisa. "Temos um levantamento do Estado do Rio Grande do Sul feito pela FADERS, que é um órgão do Estado, que faz as carteirinhas de identificação, que tem muitos questionamentos para justamente a gente obter dados locais, como, por exemplo, um teste de triagem que foi validado pela Universidade de Passo Fundo/RS", lembra a secretária.

"Portanto, o programa TEAcolhe é um programa onde o Estado se mobilizou com investimentos bem robustos para os serviços, para que a gente pudesse ter essa rede articulada e que nenhuma pessoa da família ou ninguém ficasse perdido no meio dos serviços de toda a ordem. Então, é importante saber que existe alguém para cuidar das pessoas com transtorno e de suas famílias", salienta Arita Bergmann.

Importante dizer, também, que essa construção do projeto ouviu pessoas da área científica, ouviu os serviços de gestão do Estado, que são a ciência social, a educação, a saúde... mas, ouviu também a representação das famílias. "Então, ele foi construído com muito carinho, com muita atenção, com muita ciência para realmente fazer a

diferença, não só no curto prazo, naquele desejo que uma família tem de inserir o seu filho, o seu familiar, um jovem, uma criança, tanto no diagnóstico como no tratamento, mas também construir isso ao longo prazo, que realmente a gente mude a realidade e transforme os espaços em espaços amigáveis, respeitosos para todos aqueles que precisam do nosso cuidado", comenta Arita.

Outra coisa muito legal nesse projeto é o envolvimento das famílias, pois as mães ficam na sessão para aprender como lidar com o filho. "Eu, como terapeuta de formação, sou fonoaudióloga de formação, sabemos que os espaços de terapia não são suficientes para mudar uma realidade. É preciso sim o espaço terapêutico, mas é preciso que a vida aconteça na casa, na rua", diz Bergmann.

Para isso, as famílias precisam estar empoderadas, precisam estar seguras, precisam estar tranquilas. Logo, essa participação das famílias no processo é imprescindível, tanto para que elas se sintam bem em diante de uma situação de desafio, muitas vezes de desafio, como também os seus filhos, os seus parentes, os seus netos.

"Nós temos avós que cuidam dos seus netos, mas para que todos, professores, todos aqueles que convivem possam saber qual é a melhor maneira de acolher, de cuidar e de estimular cada uma das pessoas que tem TEA, que tem o transtorno, da melhor forma, da forma mais adequada que lhe dê a melhor alegria e a maior felicidade. Eu acho que a gente busca que as pessoas sejam felizes e que elas, para isso, precisam se sentir parte da sua família, parte do seu convívio social, de maneira respeitosa a todas as suas características. Não é simplesmente uma contratação de serviços. A gente estabeleceu critérios, esses critérios, obviamente, precisavam ser obedecidos, de formação, de espaço físico local, enfim, alguns critérios mínimos para uma qualidade que fosse considerada boa por todos nós, mas essas pessoas precisaram escrever uma proposta, um projeto, precisaram se juntar para dizer, olha, como nós cuidaremos desse assunto, dessa pauta e das pessoas. Quem se propôs a fazer isso já tinha esse sentimento de querer fazer. Não era simplesmente uma oferta de serviços em troca de um pagamento, mas sim uma proposta, um propósito colocado num projeto que foi avaliado pelas nossas equipes técnicas", conta Arita, que afirma que, quem mandou proposta é porque tinha um interesse importante sobre essa pauta e tinha equipe envolvida e interessada em cuidar das pessoas com TEA e das suas famílias.

## PROGRAMA TEACOLHE

Em 2019, o Estado do Rio Grande do Sul sancionou a Lei Estadual N° 15.322, que instituiu a Política de Atendimento Integrado à Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). A lei destina-se a garantir e a promover o atendimento às necessidades específicas das pessoas com TEA, visando ao desenvolvimento pessoal, inclusão social, cidadania e apoio às suas famílias.

A partir dessa normativa, foi instituído o Programa TE-



Acolhe, por meio do Decreto Estadual Nº 56.505/2022, que dispõe sobre as diretrizes para a implementação e a execução da Lei Nº 15.322, de 25 de setembro de 2019, que são: qualificação técnica dos profissionais das áreas prioritárias, a horizontalização do atendimento multiprofissional integrado, e a sensibilização da sociedade quanto à inclusão da pessoa com autismo e sua família, a partir do trabalho em rede, tanto intra, quanto intersetorial das áreas prioritárias de assistência social, educação e saúde.

Para a implementação e a execução deste Programa se constitui a seguinte estrutura de gestão e atuação: Comitê de Gestão: composto por representantes das secretarias intersetoriais que compõe o Programa, Conselhos de Direitos, Associações de Familiares; Grupo Técnico: compostos por representantes das secretarias intersetoriais que compõe o Programa, sob coordenação da Secretaria Estadual de Saúde; Centros de Referência em TEA nas modalidades Macrorregional e Regional e Centros de Atendimento em Saúde - CAS.

Importante ressaltar que o Programa TEAcolhe é exclusivamente estadual, não possuindo dotação orçamentária oriunda da gestão federal.

A partir de 2021 foi iniciado a implantação efetiva do Programa com a instituição dos Centros de Referência em TEA, os quais consistem em pontos de articulação e qualificação das redes locais/municipais de assistência social, educação e saúde, não tendo a atribuição de substituir o atendimento dos serviços e equipamentos já existentes, mas sim de fortalecer a rede instalada.

Os Centros de Referência em TEA se constituem em duas modalidades: Macrorregionais e Regionais, que se complementam em suas atribuições. O Centro Macrorregional de Referência (CMR) tem o objetivo de organizar e fortalecer as redes locais de saúde, educação e assistência social a partir da estratégia de matrículamento, para que se constituam como rede intersetorial de atenção e cuidado às pessoas com TEA e suas famílias.

A equipe técnica mínima para atuação no CMR em TEA deverá ser composta por 5 profissionais, sendo pelo menos 3 com formação em TEA, com a seguinte configuração: 01 médico psiquiatra, médico psiquiatra infantil, neurologista, neuropediatra, médico clínico com formação específica em autismo ou médico pediatra com formação específica em autismo. E mais 4 profissionais dentre as seguintes categorias profissionais: terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicopedagogo, fisioterapeuta, assistente social, psicólogo, psicomotricista, ou outra que se fizer relevante. Cada profissional que compõe a equipe mínima do CMR deve ter, no mínimo, 20 horas semanais de trabalho no serviço, sendo um turno reservado para participação em reunião de equipe, exceto o profissional médico, que deverá ter carga horária mínima semanal de 10 horas de trabalho no serviço.

Desse modo, não se configura como prestador de serviço, mas assume a responsabilidade de cocriação de territórios e serviços que deem conta da integralidade, da intersetorialidade e da qualificação para a oferta de atenção e cuidado às pessoas com autismo e suas famílias.

Considerando a demanda crescente, em 2023, visando ampliar a oferta de atendimentos especializados às pessoas com TEA e suas famílias no Estado do Rio Grande do Sul, por meio da Secretaria de Estado da Saúde, foram instituídos os Centros de Atendimento em Saúde - CAS/TEAcolhe. Os CAS são serviços regionais especializados, com



acesso regulado, para o atendimento e a avaliação de casos de autismo, em todo o ciclo de vida. Para tal, contam com equipe técnica mínima composta por 6 profissionais, sendo, obrigatoriamente, 1 profissional médico, e os demais profissionais das categorias profissionais: terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, médico, fisioterapeuta, psicopedagogo, nutricionista, educador físico, musicoterapeuta, psicólogo, psicomotricista, ou outra que se fizer

relevante de acordo com projeto técnico.

Cabe destacar que todos os profissionais devem comprovar formação específica em TEA, considerando a especificidade dessa condição. Mensalmente, o serviço deve receber 150 usuários, com, no mínimo, 1.200 atendimentos/mês. Assim, o Programa TEAcolhe se soma à Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência, na modalidade da reabilitação intelectual, considerando a necessidade de ampliação desses dispositivos, buscando a qualificação da oferta e do atendimento às pessoas com autismo e suas famílias.

O Centro Regional de Referência (CRR) tem o objetivo de atender casos graves, severos e refratários em conjunto com as equipes dos territórios, também na lógica do matrículamento, da responsabilização pelos casos, e da construção conjunta de propostas de atenção e cuidado às pessoas com autismo e suas famílias.

A equipe técnica mínima do CRR em TEA deverá ser composta por 3 profissionais com formação em TEA, dentre as seguintes categorias profissionais: 1 médico psiquiatra, médico psiquiatra infantil, neurologista, neuropediatra médico clínico com formação específica em autismo ou médico pediatra com formação específica em autismo e 2 profissionais das seguintes categorias: terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicopedagogo, fisioterapeuta, assistente social, psicólogo, psicomotricista, ou outra que se fizer relevante.

Cada profissional que compõe a equipe mínima deve ter, no mínimo, 20 horas semanais de trabalho no CRR em TEA, sendo um turno reservado para participação em reunião de equipe, exceto o profissional médico, que deverá ter carga horária mínima semanal de 10 horas de trabalho no serviço. Em parceria com o CMR, assume o compromisso de auxiliar na organização dos serviços locais, realizando o atendimento inicial que será continuado pela equipe local, acompanhada em supervisão pelo CRR.

Atualmente, 8 Centros Macrorregionais - sendo 2 na Macro Metropolitana - 30 Centros Regionais; e 52 Centros de Atendimento em Saúde (a meta são 90).

Que esse programa TEAcolhe seja um modelo a ser seguido por todo o Brasil !



**Andréa Bussade de Oliveira**  
é jornalista e mãe da Rafaela e do Gabriel, com autismo.  
andrea.bussade.oliveira@gmail.com



**Uma ferramenta de acessibilidade e inclusão social para empresas que queiram conectar-se com pessoas surdas.**

**"Sou muito grato ao ICOM por me ajudar a romper as barreiras da comunicação."**

**Diego de Lima  
Curitiba/PR**

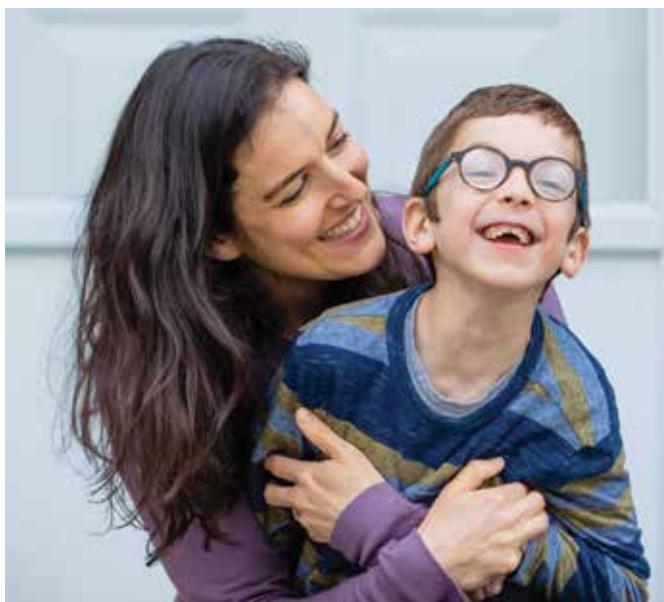
**✉ contato-icom@ame-sp.org.br**



**Eliana Naete - Intérprete de LIBRAS**

# A NECESSIDADE DOS CUIDADOS E OS DESAFIOS DA MÃE ATÍPICA

## UMA PERSPECTIVA JURÍDICA E SOCIAL



**A**maternidade é um desafio para muitas mulheres, mas para as MÃes Atípicas, que tem filhos com deficiência, os obstáculos são ainda maiores. O termo “Mãe Atípica” refere-se àquela que tem um filho com alguma condição que exige cuidados especiais, como no caso de crianças com deficiências físicas, sensoriais, intelectuais ou transtornos do desenvolvimento. Essas mães enfrentam uma rotina cheia de demandas diárias, que envolvem desde a adaptação ao diagnóstico até a busca incessante por apoio emocional, financeiro e, muitas vezes, jurídico.

A primeira grande barreira para essas mães é a falta de estrutura de apoio. Muitas enfrentam dificuldades para encontrar serviços de saúde acessíveis e eficientes, especialmente em regiões mais afastadas ou em países onde os serviços de saúde para pessoas com deficiência ainda são limitados. Além disso, as necessidades terapêuticas e educacionais dos filhos exigem dedicação constante e, frequentemente, adaptações significativas na rotina familiar. Isso leva à uma sobrecarga emocional e física que, muitas vezes, impede que essas mulheres tenham tempo e energia para outras atividades, incluindo a formação profissional

e a busca por oportunidades no mercado de trabalho.

A situação se agrava quando se considera a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. A maternidade, por si só, já limita a participação de muitas mulheres no mercado, mas para a mãe atípica, as dificuldades são ainda mais intensas. A jornada de cuidados com o filho com deficiência é muitas vezes incompatível com o horário das empresas, que não oferecem flexibilização ou alternativas para essas mães.

No entanto, os impactos não se limitam ao retorno ao trabalho. Muitas mães atípicas sequer conseguem ingressar no mercado formal de trabalho, pois a necessidade de estar presente em consultas médicas, terapias e atividades escolares impede que consigam se comprometer com empregos tradicionais. A falta de creches e escolas especializadas acessíveis também dificulta que essas mulheres tenham a tranquilidade necessária para buscar uma vaga de emprego.

Mesmo aquelas que conseguem entrar no mercado de trabalho enfrentam outro desafio: a permanência. Muitas mães acabam deixando seus empregos porque não encontram suporte adequado para conciliar as responsabilidades familiares e profissionais. Licenças médicas frequentes para acompanhar os filhos em atendimentos de saúde podem ser vistas negativamente pelos empregadores, resultando em dificuldades para crescer em suas carreiras, ou até mesmo, em demissões indiretas. Além disso, a ausência de políticas empresariais que favoreçam a conciliação entre maternidade e trabalho leva à sobrecarga e ao esgotamento, tornando insustentável a permanência dessas mulheres em seus empregos ao longo do tempo.

Exemplos de outros países, como a Suécia e a Noruega, podem servir de inspiração nesse cenário. Nesses países, as políticas públicas oferecem suporte robusto às famílias de crianças com deficiência. A licença parental estendida, o suporte financeiro para cuidados especiais e os programas de inclusão no mercado de trabalho são exemplos de como o Estado pode se comprometer com o bem-estar dessas famílias. No entanto, em muitos países, incluindo o Brasil, esses direitos ainda são limitados e, muitas vezes, de difícil acesso para grande parte da população.

### O ASPECTO JURÍDICO DA QUESTÃO

No Brasil, os direitos das MÃes Atípicas são garantidos por uma série de normas, mas a implementação ainda deixa a desejar. A Constituição Federal de 1988 assegura o direito à igualdade e à não discriminação para as pessoas com deficiência, mas a falta de políticas públicas eficazes faz com que essas mulheres enfrentem grandes dificuldades. A LBI - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei N° 13.146/2015) é um marco importante, pois estabelece a igualdade de oportunidades e a acessibilidade para pessoas com deficiência e seus familiares. No entanto, muitas dessas mães conti-

nuam sem acesso efetivo a direitos básicos, como creches inclusivas e políticas trabalhistas flexíveis.

Além disso, a falta de alternativas de cuidado para filhos com deficiência também exige maior atenção. No contexto jurídico, é fundamental que o Estado e as empresas colaborem para que essas mães não sejam prejudicadas em sua jornada de cuidados, especialmente ao garantir seu direito ao trabalho e à educação. O direito à assistência social e à educação inclusiva são direitos fundamentais, mas muitas vezes a realidade das mães atípicas é de um sistema sobrecarregado e insuficiente para garantir esses direitos na prática.

#### SOLUÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS

A sociedade e as empresas precisam adotar uma mudança cultural em relação à inclusão de Mães Atípicas no mercado de trabalho. Políticas como: home office, horários flexíveis, licenças estendidas e até programas de auxílio financeiro para cuidados com os filhos com deficiência são soluções viáveis para garantir que essas mulheres não sejam forçadas a abrir mão de suas carreiras. Exemplos de empresas como: a Microsoft e o Google, que oferecem programas de suporte a funcionários com filhos com deficiência, mostram que o setor privado pode desempenhar um papel fundamental na inclusão dessas mães.

No contexto social e econômico, a falta de apoio para essas mães não afeta

apenas suas vidas, mas também representa um custo significativo para a sociedade. O afastamento dessas mulheres do mercado de trabalho reduz a diversidade e a inclusão no ambiente profissional, além de aumentar a pressão sobre o sistema de saúde e serviços sociais. Portanto, adotar políticas públicas mais eficazes e incentivar o setor privado a se envolver na inclusão de mães atípicas pode gerar Benefícios, tanto para as famílias, quanto para a economia como um todo.



**Igor Lima da Cruz Gomes** é pessoa com deficiência e advogado. Tem pós-graduação em Direito Humanos pela Faculdade CERS. Pós-graduado em Direito das Famílias e Sucessões pelo Gran Centro Universitário. Bacharel em Direito pela Uerj. Formação Técnica em Administração de Empresas pelo Centro Educacional Betel; Atuação na Procuradoria Geral da UERJ; Idealizador e um dos coordenadores da coletânea "Deficiência e os Desafios Para Uma Sociedade Inclusiva", publicada em 2022. Email: igorlimadc@gmail.com

## GRUPO DE APOIO A PESSOAS COM DEPRESSÃO, ANSIEDADE E PÂNICO

Mais de 12 mil vidas impactadas.

**GAPDAP desenvolve projetos na área de saúde mental com o intuito de ajudar pessoas que passam por problemas como depressão, ansiedade e pânico.**



#### PALESTRAS



Palestras de Responsabilidade Social e Motivacional.

#### ATENDIMENTO



GAPDAP realiza atendimentos individuais.

#### ACOLHIMENTO



GAPDAP realiza grupos de apoio psicológico.



**MARCELO VILAS BOAS**  
Presidente.

#### LIVROS



**Atendimento empresarial, Igrejas, escolas, associações**

#### APOIADORES



#### COLABORADORES



**CONHEÇA MAIS SOBRE NOSSOS PARCEIROS**

**WWW.GRUPOGAPDAP.COM.BR**

**(11) 95377-4041**

**Av. das Altosas 16 - Cid. Patriarca - São Paulo - SP**

#### AFILIAÇÃO



# O DESRESPEITO NO USO INDEVIDO DE VAGAS EXCLUSIVAS DESTINADAS A PCD

**C**erto dia tentei estacionar meu carro num centro comercial para ir à uma farmácia que tinha ali, mas a vaga destinada às pessoas com deficiência estava ocupada. Havia outras vagas disponíveis, no entanto, nenhuma era acessível, então decidi aguardar. Mais de 10 minutos depois, para minha surpresa, aproximou-se um rapaz jovem e muito forte, com o corpo talhado em academia, e abriu a porta do carro estacionado na vaga PCD. Indignado, antes que o jovem entrasse no carro, buzinei e apontei para a placa com o símbolo universal de acessibilidade que estava bem visível em frente à vaga.

O jovem, de forma agressiva, balançou a cabeça em sinal de: "O que foi?".

Então, eu apontei novamente para o símbolo do cadeirante e simultaneamente para o adesivo de cadeirante colado no meu para-brisa. O rapaz foi em direção ao carro e falou:

— O que foi ?

— Você parou na vaga de cadeirante. Respondi de forma convicta.

— Sim, mas foi rapidinho. Parei porque eu não ia demorar nem um minuto.

— Mas eu estou aqui há mais de 10 minutos esperando, pois não tenho como parar em nenhuma dessas outras vagas. Você poderia ter parado nestas outras vagas normais e deveria ter deixado esta vaga livre, que é exclusiva para PCD.

— Eu não deveria nada ! Quem é você para dizer o que eu devo ou não fazer ? — esbravejou o jovem, irado.

Transtornado e já sem a razão no domínio das reações, respondi, irritado:

— Claro que deveria, a menos que você seja uma pessoa com deficiência visual e, por isso, não tenha visto a enorme placa de sinalização na vaga. Pensei em sugerir outra hipótese além da deficiência visual, como a deficiência mental, o que seria muito mais provável, pois não achava possível alguém com tamanha "cegueira" dirigir um carro, a menos que fosse o Al Pacino em Perfume de Mulher. Mas, ainda bem que me sobrou um pouco de sensatez ou, talvez, o instinto de



sobrevivência tenha falado mais alto.

— Você quer arrumar confusão ? Tira logo seu carro daí para eu sair com o meu, senão as coisas vão ficar piores — falou o jovem musculoso em tom de ameaça.

Intimidado, dei marcha ré e parti. Desisti de comprar remédio e seguiu sem direção, completamente desanimado e desorientado, como a barata que acaba de levar uma chinelada que fere, mas não mata.

Aquela não foi a última vez que me deparei com situações semelhantes, com pessoas incivilizadas parando impropriamente nas vagas exclusivas de quem, efetivamente, precisa delas.

Algumas vezes preferi deixar passar, mas calar, me incomodava demais, pois entendo que para mudar o mundo para melhor é imperativo enfrentar o que está errado.

Decidi não calar e várias vezes consegui um resultado civilizadamente positivo, com um pedido de desculpas do infrator, mas outras tantas não verteram para uma atmosfera amigável.

Em algumas situações, fui desrespeitado, levando a discussões acaloradas ou, ainda pior, a situações tristes como ser simplesmente ignorado.

Em uma ocasião, não consegui conter meus impulsos. Foi no estacionamento de um shopping center em uma área nobre de São Paulo/SP, onde eu circulava procurando uma vaga. Ao fazer a curva e entrei em um dos acessos com vagas para PCD e avistei um par de luzes vermelhas acesas e comemorei: "Que sorte, tem um carro saindo".

Acelerei em direção à vaga, mas ao me aproximar, lamentei quando percebi que o carro deveria estar chegando, e não saído.

Pela porta do motorista, desceu um homem sem deficiência aparente, que andou pela frente do carro em direção ao outro lado. Pensei: "Ele vai ajudar alguma pessoa com dificuldade de locomoção a sair do carro". No entanto, fiquei chocado ao vê-lo abrir a porta traseira para pegar sua filha, que aparentava ter aproximadamente uns 8 anos.

Eu me indignei e pensei em ficar quieto, pois meu filho estava na cadeirinha de segurança para crianças pequenas no banco de trás. Não queria arrumar confusão na frente dele, mas, ao mesmo tempo, ouvi

uma voz dizer: "Faça algo. Essa é uma ótima oportunidade de mostrar ao seu filho que o errado não pode ser aceito". Então eu disse:

— Senhor, esta é uma vaga para pessoas com deficiência. Sou cadeirante e preciso dela porque as vagas normais não têm o espaço lateral. Sem o espaço apropriado, não é possível posicionar minha cadeira e eu não consigo sair do carro. — Expliquei, de forma paciente e educativa.

— Essa vaga é preferencial, não exclusiva. Respondeu o homem esbelto, em tom de desdém.

— Não, o senhor está enganado. Essa vaga é exclusiva. Mas então, mesmo que só a considere como preferencial, tem uma pessoa com deficiência aqui, no caso eu, que precisa usá-la. Portanto eu tenho a preferência, e o senhor poderia ceder o espaço para mim. Concorda? Respondi serenamente, aproveitando a própria fala daquele senhor, que imediatamente retrucou:

— Eu já estacionei o carro e não vou retirá-lo. Dê algumas voltas que você encontrará uma vaga. Tem outras vagas de "deficientes" e não vai demorar para você encontrar uma. Disse o homem, mais uma vez em tom de desdém.

— Parabéns pela sua civilidade. Você deveria estar envergonhado



por dar esse exemplo para sua filha! É por causa de pessoas como você que o Brasil não evolui. Espero que tua filha cresça e se torne uma pessoa melhor do que você. Respondi, estarrecido.

O homem deu a mão para sua linda filha, virou as costas e foi em direção ao shopping. Eu, perplexo, apenas me calei e olhei para meu filho, que estava com os olhos arregalados, assustado e sem entender o que estava acontecendo. E então expliquei a ele:

— Aquele homem parou numa vaga que ele não poderia usar. É nossa obrigação chamar a atenção para o que está errado. Se não fizermos nada, o mundo nunca vai se tornar um lugar melhor. Foi isso que eu tentei fazer agora. Infelizmente não deu resultado, mas certamente eu plantei uma semente na cabeça daquela garotinha. Talvez ela não faça algo semelhante no futuro. Essa é a esperança. Não podemos nos conformar com as coisas do jeito que elas são.

E continuei com o discurso:

— Algo errado continua sendo errado, mesmo que muitos o façam. Da mesma forma, o certo continua sendo certo, mesmo que ninguém o faça. Acomodar-se é desistir, e nunca devemos deixar de acreditar que podemos mudar o mundo.

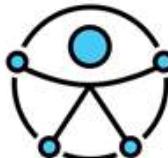
# LYON DESPACHANTE

## ISENÇÃO DE IMPOSTOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

### IPI, ICMS, IPVA E LIBERAÇÃO DE RODÍZIO

CONDUTORES E NÃO CONDUTORES  
CONTAMOS COM PROFISSIONAIS QUALIFICADOS, PERMITINDO  
UM TRABALHO SEGURO E DE CREDIBILIDADE.

SERVIÇOS COMPLETOS DE  
DESPACHANTE AUTOMOTIVO  
E ASSESSORIA - CONSULTE  
NOSSAS CONDIÇÕES!



 (11) 96188-3587

 (11) 2942-1450

Rua Padre Adelino, 1998  
Tatuapé - São Paulo/SP

[www.lyondespachante.com.br](http://www.lyondespachante.com.br)



DESDE 1987



Não falei mais nada e meu filho também ficou calado.

— Sabe? Tem outra coisa que me incomodou muito. Falei, tentando aliviar minha tensão:

— Não gostei daquele homem ignorante se referindo às pessoas para quem essas vagas são destinadas como “deficientes”. Eu não me considero um “deficiente”, principalmente depois de já ter conquistado tantas coisas. Tinho, sim, uma deficiência, mas consigo me julgar plenamente capaz, apesar das limitações impostas pela paraplegia.

— Isso faz parte do racismo estrutural da nossa sociedade. Falei em tom de desabafo e não escondi minha revolta, e continuei a falar, com o objetivo de passar para meu filho, um importante ensinamento moral.

— Pessoas cresceram num ambiente acostumado a classificar as minorias como grupos compostos por seres inferiores. Cresceram com a crença de que pessoas com algum tipo de deficiência, por menor que ela seja, são incapazes, são “deficientes”.

Meu filho escutava, mas expressava um olhar absorto. Então preferi parar de falar, mas segui pensando indignado que as pessoas cresciam acreditando, que negros jamais ocupariam cargos de destaque, fosse na vida pública ou na privada; que mulheres serviam apenas para procriar e cuidar da casa e da família; que homossexuais deveriam ser exterminados ou curados, como se fossem doentes. Acostumaram-se com a imagem do homem branco, hétero, forte e belo sendo o mais inteligente e o único capaz de grandes realizações ou de exercer posições de liderança. Essas mesmas crenças eram a base da maldita ideologia que defendia a supremacia ariana, tão rejeitada como absurdas nos discursos de todos.

Girei em voltas por mais de 10 minutos pelo estacionamento, até encontrar uma vaga livre.

Meu filho adorava pegar uma carona no meu colo, e eu gostava ainda mais de passear com ele sobre as pernas. Para nós, era como se passeássemos no carrossel de um parque de diversões. Rodávamos assim pelos corredores do shopping em busca de presentes de Natal para familiares, até que um momento de suspense aterrorizou meu filho.

— Papai, olha lá o homem do carro. Falou baixinho, completamente amedrontado.

— Não se preocupe. Vamos em frente. É ele quem deveria estar com medo da gente. Vamos passar por ele e vamos encará-lo sem medo, ok?

Ele tentava olhá-lo, mas o temor e, principalmente, a timidez típica de uma criança permitiam no máximo algumas espiadelas de canto de olho.

O homem fingia não nos ter visto, mas era possível perceber o seu breve instante de foco em nós durante seus movimentos de cabeça de um lado para o outro, como se estivesse buscando algo nas lojas nos dois lados do corredor.

Era muito tarde para que qualquer um nós pudesse mudar de direção ou desviar o trajeto. Eu fiz, então, movimentos firmes com os braços, impulsionando minha cadeira adiante, sem arredar o olhar da face daquele bravo, mas torpe, homem.

Meu olhar era com a longa lança empunhada pelos cavaleiros em armaduras durante as mortíferas Justas medievais. A cadeira era o meu cavalo. Fomos nos aproximando, e fui posicionando milimetricamente minha lança, apontando-a precisamente para os seios etmoidais, entre os olhos e um pouco acima do nariz, do meu oponente. Quanto mais nos aproximávamos, mais o rústico infrator ficava desconcertado.

Na distância exata que permitia o combate, o pútrido covarde abai-xou a cabeça, como quem sabe que não tem como vencer, como quem confessa o erro de suas ações execráveis, como quem se arrepende

vergonhosamente do que fez. Do outro lado, eu seguia confiante, sabendo que lutava pelo que era justo, exatamente como galopavam os cavaleiros em busca de honra nas seculares Justas promovidas pela nobreza real.

— Não tirei o olhar de meu alvo, e minha lança, afiada e certeira, perfurou o crânio do injusto, destruindo, ainda mais, sua fraca massa cinzenta.

Meses depois, meu filho riu muito quando narrei esse acontecimento memorável sob a ilustração da luta medieval, com a narração que detalhava o cenário, as lanças, as armaduras, a plateia de nobres e as donzelas e, claro, meu cavalo de rodas. Ao término, o bravo guerreiro no cavalo de rodas ganhava o prêmio diretamente das mãos do rei e era aplaudido pelos habitantes da cidade murada. Era comum meu filho pedir para eu contar a história novamente quando estava na cama, prestes a dormir. Com tantos contratemplos dessa natureza, segui indignado com a quantidade de “andantes” que paravam indevidamente nas vagas especiais.

Eu precisava fazer algo diferente e que consumisse menos energia para atacar o problema. Então tive a ideia de fazer um adesivo para colar no para-brisa dos carros sem a devida autorização. Já que a conscientização através de conversas nem sempre surtiam efeito, quem sabe seria diferente se o motorista tivesse bastante trabalho para remover o adesivo de papel que se rasga ao ser removido?

Esse texto é um trecho extraído do livro de minha autoria a ser publicado ainda este ano, com o nome: “XRAM – 2081 – Do Socialismo Utópico ao Tecnologismo”.



**Fabiano D'Agostinho**

é formado em Tecnologia Elétrica pelo Mackenzie, pós-graduado em Administração de Marketing pela FAAP, com extensão em Administração de Negócios e Gerenciamento de Projetos na UC Berkeley (USA). Tem passagem por empresas como Questus, em San Francisco, AngênciaClick Isobar e Dentsu Aegis. É um peregrino criativo de 49 anos, cadeirante desde os 26, professor, palestrante, ator, escritor, pensador, marceneiro, marido e pai de um adolescente de 15 anos. Atualmente, é consultor, mentor e COO da ConexCI, uma empresa de consultoria estratégica e operacional para incorporadoras e construtoras.

Redes Sociais: @fabsdago

**Várias vezes por dia durante  
a programação da rádio**

A PARTIR DAS 7H DA MANHÃ

**Tropical**  
**FM 107,9**

**Na Tropical é mais legal**

***Faça parte  
desse sucesso !***



**MOMENTO  
INCLUSÃO**  
***com Rodrigo Rosso***

**SINTONIZE !  
OUÇA ! PARTICIPE !  
AVISE OS AMIGOS !**



**[www.radiotropicalfm.com](http://www.radiotropicalfm.com)**

*Sua empresa pode falar com milhares de ouvintes durante o dia todo !  
Anuncie no Momento Inclusão.  (11) 99721-6722 | Marcos Segalla*

# UM NOVO TEMPO PARA O INSTITUTO HUMANUS

NOVA FASE DO INSTITUTO HUMANUS DESTACA GRANDES PROJETOS PARA O SEGUNDO SEMESTRE DE 2025, ALÉM DE UMA REESTRUTURAÇÃO EM SEU OBJETIVO



**N**o segundo semestre deste ano, o Instituto Humanus para Pessoas com Deficiência completará 9 anos de vida com propostas que sinalizam a continuidade de uma trajetória histórica de inovações, como o Projeto Máscara Transparente (Transparent Mask), campeão de sucesso, tecnologicamente inovador, que propiciou a comunicação entre as pessoas com deficiência auditiva durante a época da pandemia de Covid 19, possibilitou a manutenção da leitura das expressões faciais, bem como salvou milhares de vidas com seu revolucionário filtro blindado com elementos de prata. O Instituto também inovou com sua película em braile protetora de telas touch screen para pessoas



com deficiência visual, permitindo acessibilidade das mesmas à esta tecnologia. Outro marco foi o Projeto Música Inclusiva em suas diversas fases, onde demonstrou o poder da música em quebrar barreiras, unir corações e possibilitar uma nova forma de inclusão através do desenvolvimento de sua Orquestra Parassinfônica, que já se apresentou por 6 vezes e fará parte da abertura da Mobility Show + Expo Braille 2025, no dia 9 de maio ao meio-dia, bem como, até o momento, retornará aos palcos do Centro Cultural da Penha – zona leste da capital paulista – no dia 8 de junho de 2025 às 19h00. Outro sucesso foi o Futsal para pessoas com deficiências auditivas, no Heliópolis, com acompanhamento de psicoterapeutas. Todos estes Projetos inovadores representam a identidade de nossa entidade e entraram para a história como sinônimo de inovação e exclusividade nas práticas inclusivas para as pessoas com deficiência.

Não satisfeitos com o desenvolvimento de novos Projetos inovadores, que serão apresentados no segundo semestre como: o Pod Ensino – podcast inclusivo, Passatempo Inclusivo para presos com deficiência, Projeto Empregabilidade Pública - PCD, novas fases do Projeto Música Inclusiva, Projeto Van Inclusiva, Projeto Futsal para PCD em vulnerabilidade nas comunidades, entre outros. O Instituto, a partir do segundo semestre, também passará a focar nos Pets e sua importante participação no processo de acessibilidade e Inclusão.

Os animais de estimação ocupam um lugar especial na vida dos humanos e representam muito mais do que simples companheiros, eles têm um papel profundo no bem-estar emocional, social e até

físico das pessoas. Um bom exemplo é que para muitas pessoas, especialmente as que vivem sozinhas ou enfrentam dificuldades emocionais, eles são uma fonte constante de conforto e apoio. Diver-



sos estudos mostram ainda que a presença Pet pode reduzir o estresse e a ansiedade, ajuda a combater a depressão e aumenta a sensação de propósito e autoestima.

Outro fator importante dos Pets é o incentivo da prática de exercícios com passeios regulares, e tem mais: em um mundo cada vez mais urbano e digital, eles mantêm viva nossa ligação com o instinto natural e os ciclos de vida da natureza, além da ampla utilização em terapias alternativas funcionais, como exemplo dos cães-guia, cães de assistência e alerta médico que são fundamentais para a autonomia das pessoas com deficiência - PCD, além de todos os processos da pet terapia ou zooterapia que são utilizados em hospitais, clínicas e escolas com resultados incríveis na recuperação de pacientes através da geração de um suporte emocional fortíssimo entre os animais e os Homens.

Mas nem tudo representa um tranquilo mar de rosas no universo da acessibilidade e inclusão com o uso dos nossos companheiros Pets. Apesar dos avanços, Pessoas com Deficiência que utilizam animais ainda enfrentam preconceito e desinformação. Casos de proibição de entrada em estabelecimentos, falta de políticas públicas e infraestrutura inadequada dificultam o acesso pleno desses cidadãos a seus direitos. Afinal, a acessibilidade não é apenas uma questão de rampas e elevadores, mas também de respeito, empatia e compreensão da diversidade humana. Segundo as novas políticas do nosso Instituto, para que a inclusão com apoio dos animais seja efetiva, é fundamental que a sociedade avance em três frentes: políticas públicas que garantam o acesso aos animais de apoio, educação para combater o preconceito e investimentos em instituições que treinam esses animais.

A conexão entre humanos e animais é antiga, mas sua aplicação no campo da acessibilidade é um símbolo moderno de empatia e transformação. Para tanto, estamos realizando uma integração total, transformando integrando totalmente nossa entidade com este propósito. A partir do segundo semestre, nosso instituto que atualmente se denomina Instituto Humanus para pessoas com deficiência, passará a se chamar Instituto Humanus e Pets, não só uma nova marca, mas um conceito que passa a fazer parte do dia a dia de nossa

entidade. Este Projeto terá a ativa participação de nosso novo diretor Job Dianno, especialista em Inclusão animal, além de responsável pela criação de diversas terapias, próteses e adequação de equipamentos para sofisticados exames clínicos e de imagem.

Esta nova fase da Humanus contará também com as presenças de Fernando Figuerola

e Luciana Figuerola, responsáveis pelas revistas Nosso Clínico e Mais Equina, ambas especializadas no mercado Pet e Animal há mais de 20 anos. Um time forte, que com o apoio do Sistema Reação de Comunicação, trará novos Projetos de acessibilidade e inclusão para este universo PCD, um novo desafio com novas propostas e como sempre inovações. 



**Rodolfo Sonnewend (60+)**

é uma pessoa com deficiência física, jornalista, profissional de marketing, publicitário, empresário e presidente do Instituto Humanus para pessoas com deficiências.

E-mail: contato@institutohumanus.org.br

## Excelência no atendimento a entidades do Terceiro Setor

**ÁREA CONTÁBIL      JURÍDICA  
FISCAL      RECURSOS HUMANOS**

- ESPECIALIZADO NO ATENDIMENTO A ENTIDADES SEM FINS LUCRATIVOS**
- ESTRUTURA COMPLETA E MULTIDISCIPLINAR**
- PLATAFORMAS AVANÇADAS ONLINE PARA CONTRATOS, CONVÊNIOS E OUTRAS LICITAÇÕES**
- ORIENTAÇÃO EM PROJETOS A NÍVEL NACIONAL E SUPORTE PARA SOLUÇÃO DE PROBLEMAS**

Rua Apucarana, 759  
Tatuapé - Cep 03311-000  
São Paulo/SP  
PABX: (11) 20952088



**(11) 95128-8905**

[contador@a2office.com.br](mailto:contador@a2office.com.br)

[www.a2office.com.br](http://www.a2office.com.br)

**A<sup>2</sup>Office<sup>®</sup>**

# IGUAL A VOCÊ

LIVROS, BRAILLE, WORKSHOPS E SHOWS EM BRASÍLIA/DF



**O**lá, caros leitores ! Há alguns anos me apresentei com sucesso em Brasília/DF e, este ano, tive a oportunidade de voltar à nossa capital para fazer o lançamento de livros, workshops e shows.

Fui muito bem recebida pela imprensa e senti o carinho e o respeito de todos pelo meu trabalho educativo e de inclusão, e a preocupação de alguns profissionais e pais em oferecer o melhor para seus filhos, na educação e na cultura. Ouvi elogios e adoraram minhas músicas, livros, personagens e meu livro em Braille “Pato Holandês e seus Amigos” + CD. As canções “Igual a Você”, “Natureza Linda” e “Sementinha” fizeram sucesso. Suas letras e partituras estão no meu livro “Viver com Alegria”, que também chamou a atenção pela qualidade das histórias, poesias, canções e ilustrações coloridas.

Fiquei feliz em ver a cidade bonita e tive gratas surpresas em algumas escolas e instituições que, assim como eu, priorizam a brincadeira para as crianças, incentivando-as a jogar bola, rodas com cirandas e menos celular.

A educação em casa é a base, fui criada com uma ótima orientação e, quando jovem, fui incentivada a praticar esportes, estudar e trabalhar.

É muito importante que a juventude de hoje aceite os amigos sem preconceitos e aprenda a incluir todas as pessoas, sem distinção.

Na verdade, somos todos iguais e faço questão de enfatizar essa realidade em minhas músicas, textos, nas entrevistas, shows, workshops e em meus livros.

Tenho certeza de que não é a cor da pele diferente, a língua falada ou uma pessoa com dificuldades físicas, sensoriais ou intelectuais que vai prejudicar, incomodar ou atrapalhar alguém, e sim um julgamento errado e uma atitude negativa, seja de qual for.

Falta mais amor, empatia, consciência e menos egoísmo e, se cada um fizer a sua parte, com certeza teremos um país melhor, pois temos uma rica natureza e oportunidades de trabalho e de inclusão. Com união, paz, humildade e vontade de vencer, podemos ajudar a construir um mundo mais digno !

O Brasil pode crescer ! Boa sorte !



**Celise Melo (Celelê)**

é cantora, compositora, musicoterapeuta, atriz, educadora, escritora e é sucesso de público no Brasil e Exterior. Tem Livros, EPs, DVDs, Shows, Programas de TV Educativo e de Rádio Arte e Inclusão! Visitem o site: [www.celeleeamigos.com.br](http://www.celeleeamigos.com.br) Instagram: @celeleeamigos

# O mercado pediu e ela está de volta !



**ABRIDEF**

Associação Brasileira da Indústria,  
Comércio e Serviços  
de Tecnologia Assistiva



**EM BREVE**

**A força política e a tradição da maior instituição  
representativa do setor das pessoas com deficiência  
está voltando ainda maior para lutar pelos interesses  
institucionais, sociais e comerciais do nosso segmento.**

# 1º WORKSHOP SOBRE AUTISMO E NEURODIVERSIDADE NO SERTÃO DO PAJEÚ/PE



**A**OAB Pernambuco Subseção Serra Talhada/PE, através da Escola Superior de Advocacia de Pernambuco (ESA/PE) e da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Autista, promoveram em 22 de abril de 2025 o 1º Workshop sobre Autismo e Neurodiversidade, um espaço de troca, aprendizado e compromisso com a inclusão.

O evento, totalmente gratuito, teve como público alvo profissionais da área da saúde, gestores escolares, pedagogos, professores, estudantes, profissionais da área jurídica, pais, familiares, autistas e cuidadores de autistas.

Com o objetivo de fomentar o debate sobre a promoção da inclusão e de igualdade de oportunidades para pessoas neurodivergentes, o evento partiu de uma reflexão sobre os desafios diagnósticos e perspectivas legais para a promoção da inclusão, eixo sob o qual se desdobraram as mesas temáticas.

A primeira mesa temática contou com a participação de profissionais da saúde especializados em Transtorno do Espectro Autista (TEA) e de uma mãe atípica e advogada.

A Dra. Leidiane Ferraz, mãe atípica, advogada previdenciária, conselheira da OAB/PE Subseção Serra Talhada/PE, ativista na defesa dos direitos das pessoas com deficiência e presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Autista, iniciou os trabalhos apresentando os desafios da parentalidade atípica e, ao compartilhar sua vivência, enfatizou a importância de as mães atípicas estarem no radar das políticas públicas junto aos seus filhos, já que a sobrecarga do cuidado e cobrança excessiva geralmente recaem sobre elas. Em seguida, a médica neuropediatria, Dra. Rayanne

Mourato, especialista em TEA, proferiu sua palestra sobre o diagnóstico e intervenção precoce no autismo. Na sequência, Dra. Mayanna Rodrigues, fonoaudióloga especialista em TEA e método ABA, apre-

sentou a intervenção fonoaudiológica no autismo como mecanismo de quebra de barreiras de comunicação social. Após, a Dra. Lívia Rabelo, terapeuta ocupacional com vasta experiência e especialista em TEA, explanou sobre as contribuições da terapia ocupacional para o Autismo. Concluindo os trabalhos da primeira mesa temática, a psicóloga clínica, especialista em método ABA e TCC, Dra. Rafaela Lima, proferiu sua palestra sobre o cuidar de quem cuida.

A segunda mesa temática contemplou o eixo jurídico social e contou com a participação de operadores do Direito e de uma profissional de contabilidade. Dra. Kesiane Andrade, advogada previdenciária, deu continuidade aos trabalhos ao proferir sua palestra sobre os direitos da pessoa autista, acesso, inclusão e garantias legais com foco no benefício de prestação continuada (BPC). Nesta ordem, Ana Olívia Pereira, bacharel em Direito pela UNIFIS e servidora da Justiça Federal, esclareceu a todos sobre a apreciação prática dos critérios de concessão do BPC. Finalizando os trabalhos, Camila Dantas, contadora, apresentou as mudanças na isenção para carros de PCD e autistas nível 1 de suporte fora desse benefício após a Reforma Tributária.

Para o encerramento, Dr. Matheus Bastos e Dra. Breendha Marques, vice-presidente e secretária da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Autista da OAB/PE, procederam com a entrega dos certificados de participação aos palestrantes, que abrilhantaram o evento com ciência, vivência e amor em cada exposição.

“Esse foi o primeiro evento realizado sob a minha presidência e que já se revelou um sucesso desde a abertura das inscrições, tendo em vista que as vagas esgotaram em apenas três dias. A Comissão, que foi instituída recentemente nessa gestão, empenhou-se para que tudo saísse conforme planejado, recebemos um feedback muito positivo do público presente. A OAB/PE Subseção Serra Talhada/PE cumpre com sua responsabilidade social, ao abordar uma temática bastante relevante não só para a advocacia, mas, para toda a sociedade”, disse o presidente da OAB Serra Talhada/PE, Dr. Giovanni Simoni.

“É lindo ver o movimento crescer, ganhar força, ecoar por todo canto





do nosso Sertão do Pajeú/PE. A luta é real e, as conquistas, de muitas mãos. Sigamos derrubando barreiras e construindo pontes para promoção da inclusão de fato e de direito em nossa sociedade. Até a próxima edição!", disse a Dra. Leidiane Ferraz, advogada presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Autista da OAB/PE Subseção Serra Talhada/PE.

A Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Autista da OAB/PE Subseção Serra Talhada/PE agradece a cada um que se inscreveu no 1º Workshop sobre Autismo e Neurodiversidade, seguindo a trilha do conhecimento, acolhimento, transformação e promoção da inclusão. Um agradecimento especial a todos que colaboraram direta e indiretamente para que o evento acontecesse: à Escola Superior de Advocacia de Pernambuco (ESA/PE), ao presidente da OAB Serra Talhada/PE, Dr. Giovanni Simoni, à vice-presidente Dra. Ingrid Alencar, às colaboradoras da Subseção, à Comissão de Organização de Eventos e à membra colaboradora da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Autista, Aline Ferreira de Lima, que articulou junto à esta revista a publicação do presente artigo.



**Dra. Leidiane Ferraz**

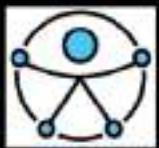
é mãe atípica, advogada previdenciária, conselheira da OAB/PE Subseção Serra Talhada/PE, ativista na defesa dos direitos das pessoas com deficiência e presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Autista.

E-mail: adv.leidianeferaz@hotmail.com

# Sua CNH ESPECIAL está aqui !

Conquiste sua independência e autonomia

[www.autoescolaamazonia.com.br](http://www.autoescolaamazonia.com.br)



✓ PRIMEIRA HABILITAÇÃO

✓ ADIÇÃO E MUDANÇA  
DE CATEGORIA

✓ REABILITAÇÃO DE CNH



(11) 98244-0818  
(11) 2097-9000

**AUTO MOTO ESCOLA  
AMAZÔNIA**



Centro de Formação de Condutores

Rua Padre Adelino, 1.986 - Tatuapé - São Paulo / SP





# NISSAN KICKS

ELEITO “CARRO DO ANO PARA PCD 2024 NA CATEGORIA SUV” !

**O**s últimos anos foram bastante conturbados no cenário das isenções para PCD comprar seu carro 0km. E diante de um cenário tão adverso, um modelo se destacou na preferência do público consumidor com deficiência. Isso se deve a alguns fatores, mas principalmente o preço. Lógico, destaca-se o trabalho da rede concessionária e da marca Nissan, que soube posicionar o seu SUV no mercado, fazendo do Kicks um dos “queridinhos” do Brasil, sendo sinônimo de custo x benefício, unido à qualidade, conforto, beleza do design moderno e a confiança que a marca japonesa passa para o consumidor.

Tudo isso fez com que o Nissan Kicks fosse eleito em 2024, o “melhor carro para pessoa com deficiência – categoria SUV”, pelo público leitor e os internautas e seguidores da Revista Reação – Sistema Reação. Foi o primeiro ano dessa pesquisa que acontece já há 27 anos, que a votação foi dividida em 4 categorias: Sedan, Compacto, Elétrico e SUV – categoria em que o Kicks foi o mais votado.

## O MODELO CAMPEÃO FOI TESTADO

Mais uma vez em parceria com a fábrica, foi cedido um modelo Kicks para ser testado pelo time exclusivo de consultores do Sistema Reação/Revista Reação. O modelo ficou mais de 30 dias, foi adaptado com alavanca de freio e acelerador, e passou por testes de uso cotidiano de pessoas com deficiência em várias situações.

O Nissan Kicks é um SUV compacto que traz um design moderno, uma boa eficiência no consumo de combustível, além de uma boa dose de tecnologia e segurança.





O modelo se destaca pelo conforto, bom espaço interno e recursos de conectividade, sendo ideal tanto para uso urbano quanto para viagens. Com o motor 1.6 aspirado, o Kicks oferece um bom desempenho.

A versão comercializada dentro da isenção de IPI para pessoas com deficiência é o Kicks Active 1.6 - a versão de entrada - que traz um bom pacote, com: freios ABS, airbags frontais, laterais e de cortina, controle de estabilidade e tração, faróis com regulagem de altura, faróis com refletores duplos, limpador e lavador de vidro traseiro, travamento central das portas, luz de condução diurna, ISOFIX, monitoramento de pressão dos pneus, assistente de partida em rampa, ar-condicionado, direção assistida, banco do motorista com ajuste de altura, controle elétrico dos vidros dianteiros e traseiros, ajuste elétrico dos retrovisores, volante multifuncional e computador de bordo.

#### ACESSIBILIDADE E TRANSFERÊNCIA

O Kicks é um SUV, portanto é mais alto, do jeito que a maioria dos consumidores com deficiência gosta. É bonito por fora, imponente e com várias qualidades para a maioria dos usuários que utilizam cadeiras de rodas, muletas ou qualquer tipo de meio auxiliar. Além de idosos e obesos.

A altura do assento do carro em relação ao solo facilita muito para uma pessoa idosa ou usuários de muletas e bengalas, e até mesmo amputados de membros inferiores usuários de próteses sentar. Outro facilitador também para quem usa cadeira de rodas, é exatamente o fato do banco do carro estar praticamente da mesma altura do assento da cadeira de rodas, fazendo com que a transferência seja segura e confortável.

O ângulo de abertura de portas para o motorista também é muito bom para a entrada no carro para quem se utiliza de cadeira de rodas. E para quem dirige, dá aquela sensação boa de ficar numa posição um pouco mais alta do que o convencional.

Os comandos de painel e controles também ficam próximos e bastante ao alcance do volante, que tem nele vários controles à mão do motorista, facilitando sua condução principalmente para quem se utiliza de adaptação, como a alavanca de freio e acelerador.



A alavanca de câmbio automático tem uma posição privilegiadíssima e de fácil manuseio.

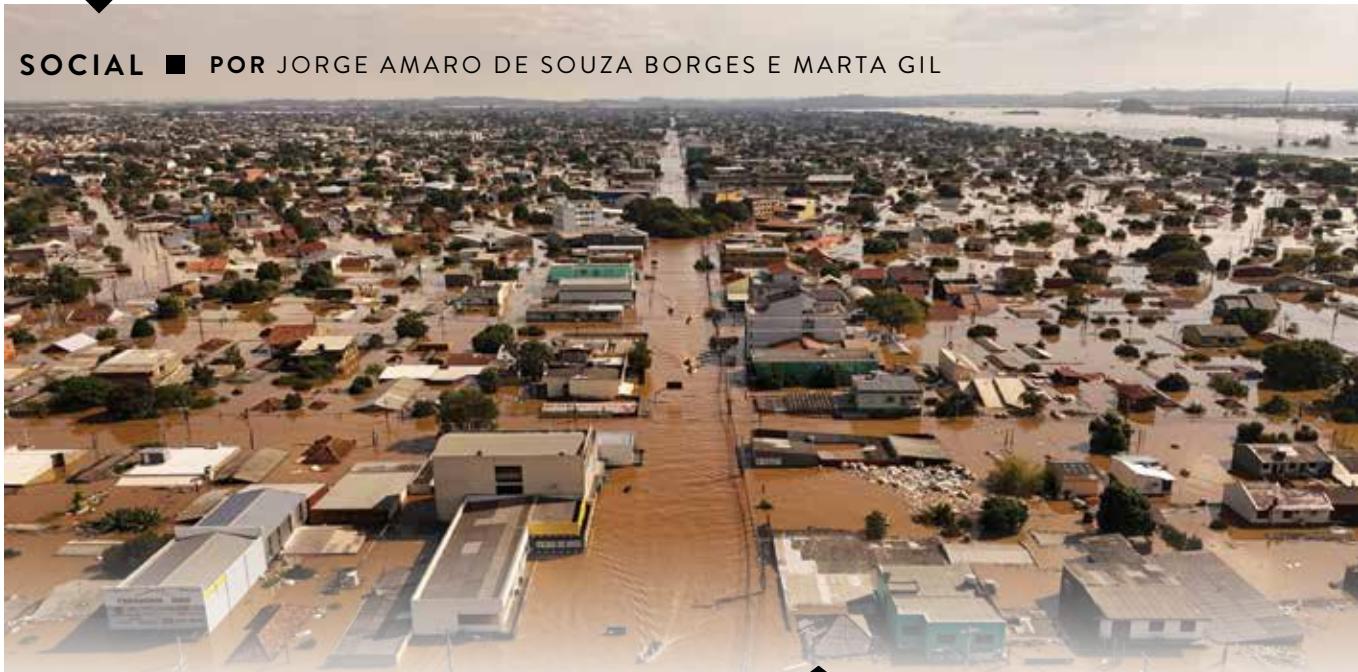
#### PORTE-MALAS

Um item que faz do Kicks um dos modelos que atende muito bem as pessoas com deficiência é o tamanho do seu porta-malas, que permite levar a cadeira de rodas com extrema facilidade e em alguns casos, inteira, sem ter que desmontar - cadeiras dobráveis em "x", por exemplo. Basta retirar o tampão traseiro, que o porta-malas fica bastante interessante, podendo levar até uma cadeira de rodas acompanhada da cadeira de banho, se bem ajustadas. E se a cadeira de rodas desmontada for uma do tipo monobloco, sobra espaço ainda para bagagens. 🚗



#### UM NOVO KICKS ESTÁ CHEGANDO. MAS NÃO COM ISENÇÃO !

A Nissan está para lançar o modelo Kicks Play, que chega na linha ainda em 2025. Mas, segundo informações de mercado, o modelo ainda não vai trocar de geração. Para justificar a nova linha 2025, a marca mudou somente a nomenclatura do modelo, chamando de "Play", adicionando novos equipamentos e um design muito diferente. O problema é que esse "novo" Kicks chegará, provavelmente, valor acima das isenções.



# PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E DESASTRES CLIMÁTICOS EXTREMOS

**E**sse tema adquiriu contornos de urgência a partir de 29 de abril de 2024, quando do primeiro alerta sobre o elevado volume de chuva no Rio Grande do Sul, afetando a população de praticamente todo o Estado.

O aumento de ocorrências climáticas extremas altera padrões climáticos globais e gera efeitos inesperados.

Embora todos sejam atingidos, alguns o são de forma mais marcante, como as Pessoas com Deficiência, que constituem cerca de 18,6 milhões de Pessoas com Deficiência, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2022.

O Banco Mundial sintetiza: embora 15% da população mundial tenha uma deficiência, os esforços de adaptação às mudanças climáticas não levam adequadamente suas necessidades em consideração.

As mudanças climáticas estão cada vez mais intensas; impactam severamente as populações, mas é nos grupos socialmente mais vulneráveis, como as pessoas com deficiência, que os efeitos são mais devastadores e significam uma situação de risco desproporcional. A falta de acessibilidade limita suas oportunidades de se prepararem: são ignoradas em momentos críticos.

A interação entre deficiência, pobreza e exclusão social cria um cenário de tripla vulnerabilidade que exige uma abordagem sensível às especificidades desse grupo. Sem uma política efetiva de gestão de riscos de desastres que o inclua em todas as fases, as lacunas de desigualdade continuarão a se expandir, amplificando os impactos sociais e econômicos dos desastres climáticos.

## O DEBATE SOBRE SUSTENTABILIDADE E ACESSIBILIDADE À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS

A acessibilidade é frequentemente negligenciada na discussão sobre sustentabilidade, tema considerado crucial para o futuro da humanidade.



Os direitos humanos consideram a sustentabilidade de forma holística, integrando a garantia de acesso pleno e igualitário a todos. Isso implica ampliar o conceito de sustentabilidade para incorporar a inclusão social, econômica e política das pessoas com deficiência.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) estabelece a acessibilidade como um direito humano fundamental: a construção de sociedades sustentáveis não pode se restringir à preservação ambiental ou ao uso racional de recursos. Deve ser entendida em termos de desenvolvimento humano integral, onde tudo esteja acessível a todos. Excluir pessoas com deficiência configura uma violação direta de seus direitos humanos.

Acessibilidade e sustentabilidade, portanto, devem ser pensadas em conjunto, visando o bem-estar das gerações presentes e futuras.

A ausência de uma infraestrutura inclusiva compromete a ideia de desenvolvimento sustentável, que se baseia na noção de justiça intergeracional e equidade social. É essencial acessibilizar o ambiental: acessibilizar o ambiental significa fazer uma discussão ampla sobre como as mudanças no ambiente afetam a vida das pessoas com deficiência e também quais as políticas públicas ambientais que efetivamente são acessíveis e inclusivas, de forma a garantir a participação e o protagonismo destas pessoas no cenário de discussão da sustentabilidade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.

A acessibilidade é indispensável para o exercício de outros direitos fundamentais. Sem ela, pessoas com deficiência são frequentemente privadas de oportunidades de contribuir para e se beneficiar de iniciativas de sustentabilidade, criando um ciclo vicioso de exclusão social. Isso é particularmente relevante em regiões vulneráveis a desastres climáticos, onde a ausência de planejamento acessível e inclusivo agrava a situação.

O conceito de acessibilidade vai além de rampas e elevadores:

abrange todas as esferas da vida pública e privada. Também é questão de segurança humana: em situações de crise ambiental ou desastres naturais, elas estão entre as mais vulneráveis e enfrentarão riscos desproporcionais.

Sem acessibilidade, modelos de exclusão serão perpetuados, agravando a desigualdade ou seja: acessibilidade vai além de rampas e elevadores: abrange todas as esferas da vida pública e privada.

Implementar esses princípios traz desafios significativos: resistência institucional, falta de recursos e desconhecimento da interseção entre acessibilidade e sustentabilidade. Para avançar no debate e nas práticas, é fundamental promover políticas integradas que articulem os princípios da CDPD com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), particularmente o ODS 11, que busca tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Implementar esses princípios traz desafios: resistência institucional, falta de recursos e desconhecimento sobre a interseção entre acessibilidade e sustentabilidade. Portanto, é preciso transcender as abordagens fragmentadas e reconhecer que a inclusão plena das pessoas com deficiência é um imperativo moral e uma estratégia de fortalecimento das sociedades.

O debate deve se estabelecer no campo das políticas públicas, com diretrizes de acessibilidade e nos espaços de controle social, que garantam a participação ativa da sociedade civil, especialmente de grupos historicamente marginalizados para promover uma justiça socioambiental que não deixe ninguém para trás – só assim a sustentabilidade, à luz dos direitos humanos, será plenamente alcançada, ao garantir acesso equitativo a todos, especialmente em contextos de crise.

#### O QUE FAZER ?

Considerando que o Direito Humano à Informação e seu oposto, a desinformação foi considerada o “risco global mais grave a ser encarado pela comunidade internacional nos próximos dois anos” no Fórum Econômico Mundial de 2024 em Davos, recomendamos analisar a legislação pertinente e divulgar informações sobre boas práticas.

A resposta a desastres naturais envolvendo pessoas com deficiência a partir da realidade do Rio Grande do Sul exige ações específicas e urgentes. Medidas estruturadas entre setores, preparação das comunidades, resposta rápida e coordenada durante os desastres e um processo de recuperação inclusivo e contínuo são essenciais para proteger essa população vulnerabilizada.

Embora a solidariedade e a empatia da comunidade sejam vitais para superar as adversidades e construir um futuro resiliente, assegurando que “ninguém seja deixado para trás”, não são suficientes.

#### NORMATIVAS LEGAIS

O arcabouço jurídico brasileiro sobre os direitos desse grupo frente às emergências climáticas é: a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), recepcionada no Brasil pelo Decreto N.º 6.949/2009 com status de Emenda Constitucional; a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência/Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei No. 13.146/2015); os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Protocolo Nacional conjunto para proteção integral a crianças e adolescentes, pessoas idosas e Pessoas com Deficiência em situação de riscos e desastres (2013).

#### **POR UMA POLÍTICA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL ACESSÍVEL, INCLUSIVA E QUE NÃO DEIXE NINGUÉM PARA TRÁS**

A Lei Nº 12.608, de 10 de abril de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), representa um marco normativo fundamental para estruturar as ações de defesa civil no Brasil, estabelecendo um conjunto articulado de diretrizes sobre prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação diante de desastres, de origem natural ou antrópica. Para que atinja sua efetividade plena deve ser pautada por princípios de acessibilidade e inclusão.

A articulação entre políticas de proteção civil e acessibilidade deve ocorrer em todas as etapas do ciclo de gestão de desastres. Essa lei prevê a integração das ações de proteção e defesa civil com outras políticas setoriais (art. 3º, parágrafo único). Para tanto, é imprescindível que as necessidades das pessoas com deficiência sejam sistematicamente incorporadas aos processos de planejamento e implementação.

A referida Lei autoriza a criação de um sistema nacional de informações e monitoramento de desastres (art. 1º), que deve ser desenhado e operacionalizado de maneira acessível para todos os cidadãos. Implementar sistemas de alerta precoce que utilizem tecnologias assistivas e comunicações inclusivas é crucial: sua ausência compromete a segurança.

A formação contínua de agentes de defesa civil para lidar com essas demandas específicas é indispensável para a construção de uma política inclusiva de gestão de desastres.

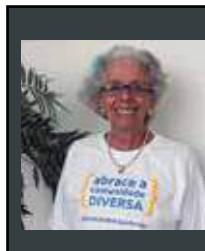
#### **PERSPECTIVAS FUTURAS**

Diante do agravamento das crises climáticas e da crescente frequência de desastres naturais, é urgente que as políticas públicas no Brasil e no mundo avancem para um modelo verdadeiramente inclusivo e construído de forma regionalizada.

Ou seja: o futuro da gestão de desastres e da adaptação às mudanças climáticas passa necessariamente pela inclusão das pessoas com deficiência. Esta tese é inegociável. A integração e o diálogo entre sustentabilidade e acessibilidade é o caminho para sociedades mais justas e preparadas para enfrentar os desafios globais, sem deixar ninguém para trás. Mas qual será a nossa maturidade para aprofundar este debate ? 



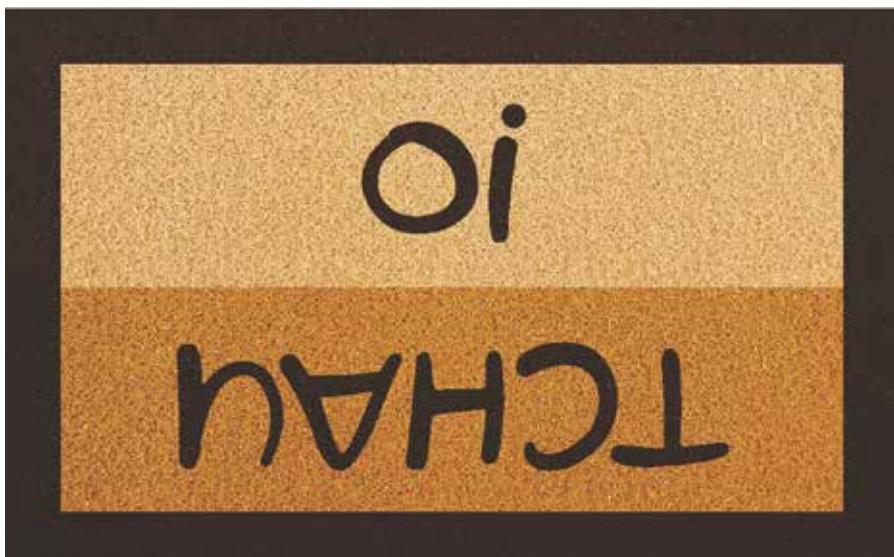
**Jorge Amaro de Souza Borges**  
é Pós-Doutorando em Desenvolvimento Rural,  
Vereador em Mostardas/RS, Pesquisador do  
Instituto APAE Brasil de Ensino e Pesquisa, editor  
da Revista Apae Ciência.



**Marta Gil**  
é Socióloga, Coordenadora do Instituto Amankay;  
palestrante; Fellow Ashoka Empreendedores  
Sociais.

# “OI, TCHAU” !

EM BUSCA DE UMA COMUNICAÇÃO MAIS ASSERTIVA...



**E**u falo português, ele fala japonês. Em uma conversa, importante uma linguagem em comum para que a comunicação seja estabelecida, além de gestos, mímicas, tradutores e outras formas.

É recomendado um idioma em comum ou um aprende a linguagem de comunicação do outro para que o entendimento seja estabelecido.

Uma forma de comunicação é a comunicação não-verbal em que o corpo expressa palavras ou reações. Como exemplos, uma careta quando o algo está ruim, uma piscada em uma paquera, a boca aberta como surpresa de algo, um aceno de mão para a comunicação de um “oi” ou “tchau”.

#### UMA PERDA

Uma perda que acontece na comunicação com pessoas com deficiência visual está nesses aspectos citados, em situações cotidianas que vivemos inesperadamente.

Algumas situações podem afetar não apenas a comunicação plena como pode também interferir nas interpretações de ações (intencionais ou não).

Um aceno de mão quando alguém está longe nos comunica que a pessoa nos viu e nos

#### UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Certa ocasião, cheguei ao Instituto de Reabilitação em que trabalhava correndo, muito atrasada. Disse um “oi” geral para todas as pessoas com deficiência visual que estavam na sala e me dirigi correndo para outro prédio para assinar o ponto (a lista de chegada no trabalho). Quando voltei, reparei que um cliente (assim chamávamos os atendidos) estava cabisbaixo, mas atribuí esse comportamento à uma situação familiar que o mesmo estava passando. Alguns dias depois o “bico” continuou e durou algumas semanas.

Então, estranhando esse comportamento prolongado perguntei a ele o que estava acontecendo e fui surpreendida com sua resposta que foi “você não me cumprimentou naquele dia, você passou por



cumprimentou. Um “oi geral” (para todos) em uma sala com muitas pessoas, em uma festa ou ambiente coletivo também nos comunica um cumprimento, uma consideração geral.

#### PORÉM...

Em um ambiente em que esteja uma pessoa com deficiência visual, um aceno de longe não comunica nada. Um “oi” ou “tchau geral” expressa que alguém que chegou ou saiu, mas não que seja dirigido especificamente à pessoa com deficiência visual. Não abrange a todos.

Isso pode desencadear um sentimento, uma interpretação de que a pessoa não foi notada ou, mais comum, que não foi incluída e pode desencadear sentimentos diversos de acordo com quem se encontra no local.

mim e não me cumprimentou. Não sei o que fiz de errado. Estou triste.”

Mesmo havendo motivos para eu ter dito aquele “oi geral” correndo, a interpretação do rapaz naquele momento em que estava fragilizado emocionalmente desencadeou nele uma interpretação equivocada, potencializada também por sua baixa auto estima (já conhecida pelos profissionais).

Pensando nas peculiaridades e necessidades de cada um, após uma conversa específica, tudo foi esclarecido. Naquele dia, todos que estavam naquele ambiente haviam entendido a situação, mas aquele rapaz não entendeu e guardou o sentimento de tristeza por dias.

Por isso, e por valorizar a importância das características e linguagens de comunicação de cada um, o “Oi” geral passou a ser substituído sempre que necessário pelo “Oi, João”, “Oi, José”, “Oi, Maria”, comunicando um reforço sobre a importância do outro, mesmo que no “oi geral” também estava implícito que era para cada um.

A pessoa se sente incluída. A pessoa até sabe que é incluída, mas se SENTE !

Quantas vezes até sabemos que somos importantes e amados, mas quando ouvimos ou lemos palavras de incentivo, como um “eu te amo”, “você é importante” nos faz bem e abraça nossa alma, não é (com raras exceções) ?

A partir desse episódio foi interessante perceber as expressões das pessoas no ambiente.

Um “oi” citando nomes gera sorrisos. Um aceno de longe com um desvio na rota indo até a pessoa para um “oi” ou no aceno de longe dizer alto “estou aqui” é uma atenção a mais, uma consideração, um carinho.

Recordo-me da cerimônia de casamento. Muitos convidados com deficiência visual estavam presentes aguardando o início da cerimônia. Quando eu entrei como noiva, posso ter quebrado alguns protocolos (pra variar), mas falei alto para os que se encontravam no percurso “estou aqui, estou passando aqui, oi... oi... oi”...

Os registros em fotos deste momento foram os convidados sorrindo e depois de um tempo todos comentaram que se sentiram felizes, incluídos e muito amados, mesmo sabendo que já eram.

Bom ressaltar que, mesmo que a nossa presença seja notada e sentida por pessoas com deficiência visual por meio dos nossos passos, nossa respiração, nossos cheiros etc. Muito mais do que essas referências é sermos

sentidos como pessoas que se importam.

Quando algum fator de comunicação fica interrompido é necessário ajustar-nos a nossa linguagem às situações do outro. É buscarmos um idioma em comum, uma fala entendível, uma mão amiga, uma comunicação mais eficaz que tanto contribui em um processo de reabilitação e estabelecimento de vínculos !

É um desafio fazermos com que nos entendam corretamente nos dias de hoje, vivendo em uma sociedade em que muitos nem cum-

primentam mais os outros... mas vale a pena o exercício !

Enfim... quando lidamos com pessoas, lidamos com todos os aspectos do ser humano (físico, sensorial, emocional, espiritual, crenças, outros) e é muito importante que a nossa comunicação seja a mais clara e efetiva possível, nos ‘míiiiiimos’ detalhes.

Que possamos estar atentos em todas as situações.

Que seja assim! 



**Suely Carvalho de Sá Yañez**

é Terapeuta Ocupacional especializada em Orientação e Mobilidade para pessoas com deficiência visual e atua na área de reabilitação e Consultoria.  
suelydesa@hotmail.com

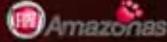
# OS MELHORES CARROS COM AS MELHORES CONDIÇÕES

## Atendimento Especializado



**PCD  
TÁXI CNPJ  
ÔNIBUS ESCOLAR**

*Lucinda Valente*

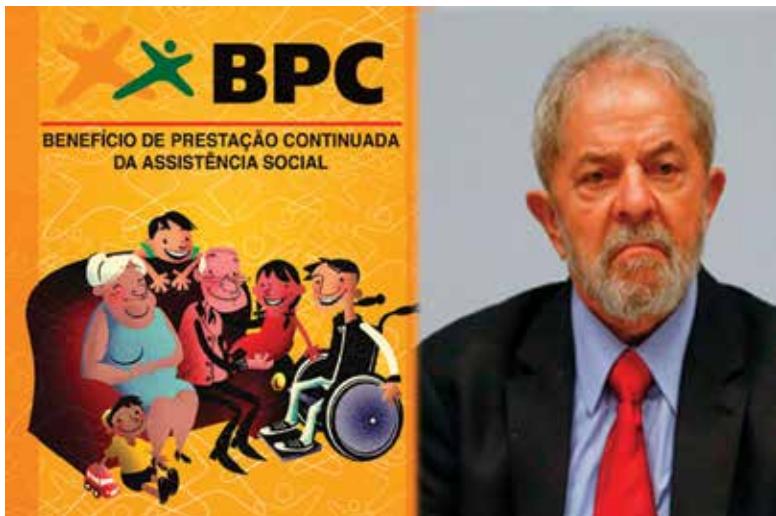
11 94022-0051   
@valentelucinda  
lucindavalente.vd@gmail.com

**Marcas**



# A LUTA PELA CIDADANIA PCD

## UMA LUTA MUITO CANSATIVA E INGRATA



**E**u entendo que o estado, enquanto ente federativo, promove uma cultura assistencialista que, na prática, isola pessoas com deficiência. Observo isso constantemente, como no projeto de lei em tramitação no Senado para aposentar atletas com deficiência – uma iniciativa que, em minha visão, demonstra essa tendência.

Estou cansado dessa luta aparentemente inglória. Sinto-me cada vez mais isolado ao expressar minhas opiniões. Prevejo um futuro em que o Estado assumirá a responsabilidade pelos cuidados com pessoas com deficiência, relegando-nos à margem da sociedade. Temo viver para ver isso acontecer e poder apenas dizer: “Eu avisei, mas vocês não fizeram nada”.

Minha preocupação é tão grande que gerou um desentendimento recente. Falei sobre, mas minha intenção foi distorcida, e a minha análise da situação foi interpretada de forma errônea. Infelizmente, acredito que minha análise da situação é correta, mas sinto-me falando sozinho, abordando assuntos que ninguém quer discutir.

Não sou pessimista, apenas analiso o cenário atual: vejo um cerco se fechando contra nós, inclusive dentro das próprias famílias. É importante lembrar que o BPC - Benefício de Prestação Continuada, que mencionarei mais adiante, tem origem na Lei Orgânica da Assistência Social LOAS, de 1993 - Lei N° 8.742/1993. A LOAS estabeleceu a assistência social como direito do cidadão e dever do Estado, criando o BPC

para idosos e pessoas com deficiência de baixa renda.

É crucial que o debate sobre a inclusão da pessoa com deficiência seja constante e aprofundado. A falta de um ministério específico, a ineficácia da Lei Brasileira de Inclusão na prática, e a ausência da pessoa com deficiência como agente político demonstram a necessidade urgente de ações concretas para garantir seus direitos e promover sua cidadania.

A LBI - Lei Brasileira de Inclusão, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, é um marco legal importante para a garantia de direitos e a promoção da inclusão social. No entanto, a realidade é que a LBI, na prática, se mostra ineficaz. A lei, em sua concepção, apresenta um conjunto de normas e diretrizes promissoras, mas a sua aplicação efetiva ainda enfrenta diversos obstáculos.

É nesse contexto que surge a sua interessante proposta da criação de um Ministério da Defesa e Cidadania da Pessoa com Deficiência. A ideia é bastante oportuna, pois um ministério dedicado à causa teria o poder de centralizar as políticas públicas, direcionando recursos e ações de forma mais eficiente. A sua analogia de “pacotinho de maldades” menor é bastante perspicaz, demonstrando como a centralização pode facilitar a implementação de políticas e, consequentemente, reduzir as desigualdades.

Outro ponto crucial é a representatividade numérica. Segundo o IBGE (2010), existem 45,6 milhões de pessoas com deficiência no Brasil, um número expressivo que, por si só, justificaria a criação de um ministério. A presença de um ministério dedicado à causa colocaria a pessoa com deficiência como agente político, garantindo que suas necessidades e demandas sejam priorizadas na agenda do governo.

A questão da possível suspensão da pensão vitalícia para famílias de crianças com microcefalia é um ataque brutal aos direitos das pessoas com deficiência. A reportagem do site Pleno News, de autoria da jornalista Leilane Lopes, relata essa possibilidade, mencionando o



Diário Oficial da União como fonte. Apesar de não ter confirmação oficial, a menção ao Diário Oficial me faz acreditar que a informação é verdadeira e gera preocupação.

O economista cego, **Luis Alberto de Carvalho e Silva**, em entrevista para o podcast Consciência Inclusiva, afirmou que o BPC representa um

grande peso para o governo, que gasta cerca de R\$ 170 bilhões por ano com o programa. Ele também comentou que a LBI já contempla a deficiência monocular, o que questiona a necessidade de leis específicas para essa condição. A partir dessa fala, eu me questiono: será que a LBI realmente garante os direitos da pessoa com deficiência monocular? A lei considera a necessidade de adaptações no ambiente de trabalho, mas a questão da atividade sensorial, que é uma realidade da vida de quem tem essa condição, como é considerada? A LBI abrange essa demanda?

Essa medida, se confirmada, representaria um novo ataque aos direitos das pessoas com deficiência, mostrando a fragilidade da nossa cidadania e a falta de compromisso com a inclusão. É um ataque covarde, pois coloca a responsabilidade sobre as famílias, que já estão sobrecarregadas com os cuidados com seus filhos. O voto, segundo informações, justifica-se pela falta de equidade, argumentando que se outros beneficiários do BPC recebem um salário mínimo, não há razão para que as famílias de crianças com microcefalia recebam um valor tão elevado, que é o benefício máximo para aposentados por tempo de contribuição.

E como se não bastasse, temos a alteração do BPC, com o projeto de lei N° 4614/2024, que foi sancionado como PL N° 15065/2024. Mais um exemplo de conflito e exclusão, tratando a pessoa com deficiência como adversário político, o inimigo público. É mais um motivo para a gente se preocupar, mais um direito que fica restrito, mais um ataque à nossa cidadania. O governo atual, com essa postura de exclusão, mostra claramente que não se importa com a inclusão social, e sim com seus próprios interesses.

É importante lembrar que o BPC não foi criado no governo Lula, como muitos acreditam. A criação do benefício remonta a um período anterior. A crença de que o BPC foi criado pelo governo Lula se perpetua por ignorância ou conveniência. É crucial analisar a história do benefício e não se deixar levar por narrativas simplistas e politicamente motivadas.

É preciso destacar que, além do BPC, outros segmentos da sociedade, como a pessoa com deficiência e os idosos, são tratados como adversários políticos ou inimigos públicos pelo atual governo, independentemente

de quem seja. Essa postura demonstra uma lógica perversa, onde o foco principal está no lucro e na redução de gastos, sem levar em consideração as necessidades reais dessas populações.

Em muitos casos, a pessoa com deficiência precisa "gritar" para ser ouvida, para que sua voz chegue aos ouvidos de uma sociedade que, muitas vezes, não a escuta. É uma reação natural a uma sociedade que, historicamente, a silenciou e a invisibilizou.

Para exemplificar essa triste realidade, podemos citar o bairro de La Salpêtrière, em Paris, na França.

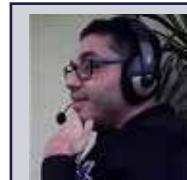
Esse complexo, que abrigava um hospital, um asilo para mulheres, uma prisão e até mesmo uma fábrica de pólvora, se tornou, a partir do século XVII, um hospital geral para mulheres. No século XIX, passou a abrigar também pessoas com deficiência física e mental. A realidade em La Salpêtrière era muito distante da ideia de inclusão. As pessoas com deficiência eram segregadas,

gadas, muitas vezes submetidas a tratamentos cruéis e consideradas "anormais".

**Arthur Melvin Okun** - 1928-1980 - foi um economista americano influente, conhecido por sua contribuição à macroeconomia, especialmente em políticas públicas e inflação. Ele foi um dos pioneiros na análise do "trade-off" entre inflação e desemprego, conhecido como a Curva de Phillips.

Sua principal contribuição para a área foi a "Lei de Okun", que relaciona o crescimento econômico com as taxas de desemprego. Essa lei estabelece que, para cada 1% de aumento no PIB, o desemprego diminui 0,5%. Okun também foi um defensor da justiça social e da igualdade de oportunidades. Ele acreditava que o governo tinha um papel crucial na promoção do bem-estar social e na redução da desigualdade. Suas ideias sobre a importância do papel do governo no desenvolvimento econômico e social se encaixam com a necessidade de políticas públicas eficazes para a inclusão das pessoas com deficiência.

A história de La Salpêtrière serve como um alerta para que não repitamos os erros do passado e lutemos por uma sociedade mais justa e inclusiva para todos. É com a mais profunda sinceridade que espero que a minha preocupação com o isolamento total da pessoa com deficiência da sociedade não se torne realidade. Porque, na verdade, estaríamos retornando a um passado perigoso, triste e violento para a humanidade, um passado que eu sinceramente não gostaria de assistir ou participar em vida.



**Bruno Oliveira de Carvalho**  
é cadeirante, para-atleta de Bocha Adaptada e fala sobre Inclusão Social. Apresenta o podcast chamado Consciência Inclusiva há 3 anos.  
E-mail: bofc86@gmail.com

# PESSOAS MAIS QUE ESPECIAIS

## HISTÓRIAS DE MÃES ATÍPICAS

**M**aio é o mês das mães, mas no mês de abril é comemorado o dia do autista. Então, vamos unir as duas coisas e comemoraremos de uma forma especial.

Há um bom tempo tenho pensado no termo “Mães atípicas” e como fazer uma reportagem com algumas mães. Então, voltaremos alguns anos no tempo.

Em 2021 fui para Irlanda e quando cheguei em Dublin – capital daquele país – Dani, minha nora, já tinha um compromisso em me levar a um encontro de mulheres empreendedoras brasileiras. Foi fantástico. Aquilo me deu a possibilidade de conhecer o que elas faziam ali, tão longe do Brasil.

Fui encontrar Juliana Higa - fisioterapeuta brasileira - mas que hoje se dedica a ser mãe de 2 meninos e que tem um grupo de mães na internet. Ela me apresentou **Sancha**, uma mãe atípica, com quem tenho a alegria de conversar.

Com a palavra Sancha - fomos amigas no encontro de empreendedoras e nos falamos até hoje: “Para mim é uma alegria poder estar tendo esse papo com você, Lúcia. Bem, eu havia retornado ao

Brasil depois de trabalhar num navio de cruzeiro e decidi juntar dinheiro pra estudar fora. Conseguir um emprego e juntei dinheiro por 2 anos para fazer o curso de Business Management, e na época, a Irlanda oferecia junto com o visto de estudante. Eram 20 horas de trabalho e eu já tinha uns amigos que moravam aqui, que haviam trabalhado junto comigo no navio. Então optei por vir estudar na Irlanda em 2010. Desde então, já são 15 anos. Me casei e formei aqui a minha família, e hoje um pouquinho mudada, pois agora está formada por mim e meus 2 filhos apenas, pois estou separada”.

Ela continuou contando: “A Maeve tem 9 anos e Liam meu filho tem 8 anos. Ele foi diagnosticado com Autismo aos 4 anos, aqui na Irlanda mesmo. Ele é de nível 1 de suporte. Na época, eu morava em Dublin e foi quando comecei a suspeitar do autismo em meu filho, mas, infelizmente, a fila de espera para atendimento público era de até 2 anos na época, e isto era muito tempo para esperar. Então, como eu tinha uma amiga que morava em Roscommon, e ela também tem um filho autista, ela me indicou mudar para a cidade para que meu filho obtivesse um tratamento e

diagnóstico melhor, visto que no interior a fila de espera era menor. Mas muita coisa mudou desde a pandemia de Covid na Irlanda, e tive que ter muita paciência e persistência”.

Sancha continuou a contar: “Depois do choque eu passei pelo luto de saber que meu menino, nunca seria como as outras crianças. Tive medo, porque infelizmente a sociedade ainda tem muito preconceito com pessoas com deficiência e saber que meu pequeno poderia passar por isso me doeu muito”. A mãe continua seu desabafo: “a psicóloga dele me ajudou muito, fiz muitos cursos até mesmo um de Psicologia com certificação para poder entender mais. Ainda tem muita coisa que não sei, mas estou buscando conhecer com meu filho, cursos e outras mães”.

A “mãe atípica” comenta: “Aqui na Irlanda não tem profissionais o suficiente, os poucos que se formam, acabam saindo do país para melhores oportunidades financeiras de trabalho. Meu filho frequenta uma escola, onde ele estuda numa turma de autistas. Na escola ele tem um planejamento de aula personalizado, e eu ajudo em casa com os deveres e atividades enviadas pela escola. Tenho esperanças na melhora, mas o governo irlandês precisa contratar mais profissionais e pagar um salário digno, já que a maioria se forma e imigrara para outros países que lhes fornecem melhores condições de trabalho”.

Perguntei para Sancha: “seu filho é irlandês, mas você pensa em voltar para o Brasil para dar um suporte maior a ele ?

Ela respondeu: “Não, visto que já tenho minha vida estabilizada na Irlanda. O que já cogitei foi fazer atendimentos online com terapeutas brasileiros, mas ainda não encontrei profissionais que me ofereçam uma opção viável. Principalmente algum profissional que fale inglês, visto que meu filho não fala português”. E continuou:

“Tenho visto, na questão social, algumas melhorias nos últimos anos. Existem alguns órgãos que trabalham com autismo e a conscientização do TEA por aqui. Escolas especiais, assistentes de necessidades específicas nas escolas, salas com turma de autista dentro de escolas neuroatípicas, ONGs trabalhando em prol do autismo e muito mais. Óbvio que existe ainda muito trabalho para ser feito por aqui na inclusão, em oportunidades etc”.

A mãe afirma: “Jamais vou romantizar a vida de uma mãe atípica, porque só nós sabemos o quanto é difícil nosso dia-a-dia, muitas sacrificam suas carreiras, relacionamentos acabam quando chega a criança atípica, fora o impacto financeiro,

físico, mental e emocional que enfrentamos. Isso sem contar a luta diária pelos direitos e contra a discriminação. Nós viramos, além de mães, as médicas, professoras, terapeutas... e muitas mães acabam ficando doentes por conta da demanda que é de ter uma criança atípica. Por isso, eu mando o meu abraço apertado, sei que se sentem sozinhas nessa batalha diária, cada conquista do seu pequeno é uma vitória incrível e lhe digo que é por conta do seu amor imensurável e teu trabalho incessante”.

Parabéns mãe por não desistir. Gostaria de dizer que tudo vai ficar bem, mas te peço que tenha fé, cuide da sua saúde física e mental (mesmo sendo quase impossível), lembrem-se de que você é humana e está tudo bem se sentir incapaz e sozinha. Te digo que não está sozinha. Mães nesse mundo todo estão com você nessa caminhada. E se precisar de um abraço apertado, eu estou aqui. Você é incrível e que seja abençoada com uma vida longa, feliz e saudável.

E assim pudemos ver a luta de uma mãe atípica em um país distante do nosso, que carrega uma gama de inquietações, mas que não deixa que a sua força de vontade em progredir morra.

### KÁTIA MENDES

Kátia é uma mulher de uma alegria contagiante. Ela se casou com Guilherme e teve um casal de gêmeos. Mas não foi tão simples essa aventura, pois foi na gestação que ela começou uma jornada que dura até hoje.

Ela é uma mulher evangélica e teve na fé a força para essa situação, que há 15 anos vivência. Gabriel, seu filho, nasceu fora do tempo e por isso, ficou no hospital por muito tempo, inclusive o seu primeiro aniversário ele passou internado e foi aí a segunda vez que esteve com a sua irmã Camila, pois ele foi para casa um tempo, com apoio de Home Care. Gabriel tinha problemas sérios e pouco tempo depois de ser extubado, ele precisou ser entubado outra vez.

Kátia fazia uma caminhada todos os dias de casa para o hospital, a médicos e outros profissionais. E assim, foi até que o hospital, depois de um tempo grande de cuidados, os chamou e sugeriu que procurassem um outro hospital, que pudesse acompanhá-lo de uma forma mais efetiva, pois,



por mais que a equipe deles quisesse, o processo já não atendia o caso de Gabriel. E assim, foram 4 anos em Home Care e a melhora foi acontecendo. Mas Gabriel tinha um comportamento diferente, não fazia contato, não desenvolveu fala e tinha pouco ou quase nada de contato visual e andava nas pontas dos pés, mas a esperança era grande. O Neurologista e a fonoaudióloga pediram uma ressonância do crânio. Encontraram algumas situações, como lesões cerebrais, sequelas neurológicas e assim os diagnósticos foram fechando.

Algo também chamava atenção, ele não tolerava o contato físico, e isto já mostrava algumas características do autismo e o diagnóstico foi se tornando claro para a família, mas para o pai aceitar que o filho recebeu o diagnóstico de autismo, não foi algo tão simples. Ele sempre dizia que o filho poderia melhorar, com o diagnóstico ele passou pelo processo de negação, do luto e sofreu muito. Mas hoje, lida de uma forma com muito amor e companheirismo.

Gabriel não fala, mas tem uma comunicação através do computador, tem na mãe, no pai e na Camila sua irmã gêmea - que não é autista - seus portos seguros que fazem com que ele desenvolva dentro das condições que ele possui.

Hoje, seus pais trabalham nas questões de inclusão em uma igreja Batista em São Paulo/SP, e estão estruturando uma sala especial, pois eles veem como algo imprescindível para acolherem autistas na comunidade. E o que é muito importante, é que o Gabriel faz parte deste processo todo.

O autismo e as questões religiosas estão sendo adaptadas para que eles tenham também oportunidade de se colocarem dentro destas questões, que são tão importantes para que eles possam colocar seus anseios e vontade.

Gabriel hoje, tem sido alguém forte e extremamente capaz de estar participando de uma tarefa muito relevante.

E porque falar de alguém como Katia? É justamente porque uma mãe atípica é o sustentáculo do filho, é a força que dá para uma família - a garra e a disposição para enfrentar as adversidades - é a força de uma mulher como ela, que faz com que outras mães sintam-se motivadas a caminharem em busca de resultados positivos, e motivadoras.

#### **Ana Paula Auzier**

Nos conhecemos a um tempo, desde quando ela era só mãe do Tiago. Mas, depois ela



ficou grávida de novo e não posso esquecer que fui ao chá revelação de seus filhos. Mas, não imaginava que hoje eu estaria aqui, a entrevistando.

Foi em 2017, uma tarde incrível que passamos, e descobrimos os sexos dos gêmeos. Me lembro que peguei o papel azul que indicava que seriam meninos. Mas, na revelação eu só acertei um que era o menino, pois ela teria um menino e uma menina.

E assim nasceram a 8 anos atrás.

Ana Paula e Filemom, esse era o casal que agora teriam Lucas e Letícia para início de uma nova fase, pois Tiago já era um adolescente. Um ano e meio e algumas coisas não estavam indo bem, eles demoraram a andar, foram para a escolinha e eles demonstravam algumas coisas que não eram tão comuns, eles sempre mais lentos, não falavam, mas isso poderia ser por conta de serem gêmeos, e o casal não estava acostumado com algumas coisas.

Então foram indicados para o neurologista e não foi encontrado nada de anormal. Mas o dia chegou e eles foram indicados para ver o que poderia estar acontecendo. E o diagnóstico de autismo pegou a mãe de surpresa, pois ela nunca tinha tido contato com o autismo até então.

Mudanças aconteceram, e um diferencial é que o pai trabalharia em casa e ficaria parte do tempo com os filhos, e a mãe continuava seu trabalho fora. Então, era o pai quem acompanharia as crianças nas terapias: psicóloga, terapeuta ocupacional, psicopedagoga, psicomotricidade e fonoaudióloga etc. E isso de segunda à sexta, pois é uma carga intensa. Assim tem sido a forma de abraçar esta missão importante desta família.

Os gêmeos estão hoje com 8 anos e ainda estão se desenvolvendo dentro do tempo de cada um. A fralda ainda faz parte do uniforme deles, pois eles ainda não estão se sentindo seguros. Letícia tem um jeito bem peculiar e feminino. Ela faz duas, três coisas ao mesmo tempo. Já Lucas é centrado, presta muita atenção no que está fazendo.

Mas vamos pensar bem nesta situação? Cada um é único, então está tudo certo.

Mas Ana Paula, Filemon e Tiago, que encontrei recentemente em um aniversário, estão lidando com carinho e direcionamento de Deus e realizam com amor essa causa que foi dada a eles, e cuja a força e disposição nasce a cada dia que eles vivem juntos.

Ana Paula diz que aprende a cada passo que eles caminham, que cada palavra aprendida é uma canção para o seu coração. E que cada dia é um momento de gratidão, pois é um dia a mais de aprendizado.

Ela me disse o seguinte: "Eu me emociono o tempo todo. Eles são mais que especiais. A cada pequena conquista é uma grande vitória. Meu coração se enche de alegria. Ter filho

especial é assim. É um turbilhão de emoções".

Sancha, Katia e Ana... quero deixar para cada uma de vocês, um abraço do Dia do Autista e, outro abraço pelo Dia das Mães!

E juntando a esses abraços, deixo aqui minha singela homenagem a todas as MÃES Atípicas e, digo que não terminou ainda, pois tenho mais uma mãe para falar sobre ela.

Tem apenas 15 dias que conheci Tiara, uma mãe atípica lá do Amazonas. Foi em um Congresso de Autismo e TDAH, e no intervalo, ela foi até onde eu estava e em alguns minutos me contou que era uma mãe atípica. Agora, tomo a liberdade de falar com muito carinho sobre mais esta mãe.

Sancha sentada lá na Irlanda, Katia e Ana Paula aqui em São Paulo/SP, vamos juntas pensar que em um cantinho da Amazônia, num lugar bem distante, está uma mãe que tem o nome de Trícia, que saiu de sua casa de barco e foram alguns dias para chegar a Manaus/AM e pegar um avião. Ela veio participar de um Congresso de Autismo e TDAH aqui em São Paulo/SP, tudo para se informar melhor e ter conhecimento para melhor cuidar do seu filho que, sozinha, lá em um lugar tão distante e que tem como suporte de transporte apenas o Rio Amazonas. Ela aqui esteve para isto e com certeza, muitas coisas novas aprendeu.

Para todos terem ideia da distância, enquanto escrevo esta reportagem já está fazendo 8 dias do final do congresso e ela ainda não chegou em sua casa. Mas com certeza no barco de onde ela me respondeu ontem, que ainda faltava um pouco, ela está ansiosa para chegar em casa e encontrar seu grande desafio, que é poder levar ao filho ações para uma vida melhor, mas mesmo falando em dificuldade sabemos que o autismo é bem menor que o amor de uma Mãe Atípica, que não mede esforços para entender como lidar com ele.

Encerro dizendo que a mãe amazonense ainda não chegou a sua casa até o final deste texto, pois o barco em que ela viajava quebrou e ela até agora estava em algum ponto no meio do Rio Amazonas, e quando fui pedir o nome do filho dela, ela estava ainda distante de casa e como falamos por celular não consegui todas as informações que eu precisava. Por isso, terminei esse texto sem saber o nome do seu filho, mas pode ser que quando ela trouxer as respostas poderá ser o prefácio de uma nova história. 🌟



**Lúcia Figueiredo -**

LuQuinha - é Bióloga e Neuropsicopedagoga, especialista em Sexualidade Humana e Jornalismo Digital, Cinema e Audiovisual. E-mail: luciabiofigueiredo@gmail.com

# “NOMADISMO VERBAL”

## UMA LONGA JORNADA DE TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

UM TERMO CRIADO POR PEDRO ROSENGARTEN BAPTISTA, EM 2021

**S**eguimos por “Cidades que nos Dizem Respeito”, compartilhando o que aprendemos sobre “Equidade, Acessibilidade e Saúde do Cérebro”, desde 2015, caminhando como ativistas da “Causa da Pessoa com Deficiência”, eu e meu filho Pedro.

A nossa melhor definição foi ele próprio quem deu: “Nômades Verbais”. Criamos mais de 15 projetos públicos independentes dedicados à informação sobre o tema, e atuamos como palestrantes onde somos convidados. Ao consultar a Inteligência Artificial generativa como um recurso complementar, identificamos que o conceito de “Nomadismo Verbal” não é amplamente reconhecido nos estudos de linguística ou comunicação, portanto, um conceito ainda inédito. No entanto, pode ser interpretado como uma linguagem ou discurso que está em constante movimento, fluidez e adaptação, tal como um “nômade que não possui um lugar fixo”. No nosso caso, porque ele ainda não existe.

Pedro, um jovem autista de 26 anos, com deficiência intelectual associada, criou esse termo para descrever as nossas conversas cotidianas nos parques da cidade. São diálogos peripatéticos que o ajudam a regular-se e acalmar-se da ansiedade de incontáveis sonhos utópicos, de difícil concretização pela sua condição mental. A sua principal estereotipia como autista, é o da fala compulsiva e principalmente solitária, a qual ele denomina apropriadamente de “Conexão”.

Sempre que ele enfrenta um episódio de estresse sensorial, ele se recolhe ao quarto para interagir com essa “Conexão”, elaborando verbalmente suas inquietações até que consiga se acalmar. Esse hábito, que ele pratica com consciência e respeito ao seu ambiente, ao pedir licença antes de se afastar, pode ser considerado uma estratégia mental saudável dentro do contexto da neurodiversidade. O estresse sensorial vivido por autistas precisa ser reconhecido e respeitado tanto pela família quanto pela sociedade, pois atitudes equilibradas e autoproteroras em momentos de instabilidade psíquica devem ser valorizadas e compreendidas, para que não saiam do controle, com risco de surtos psicóticos, se forem caóticas. Quando essas práticas compensatórias são aceitas e incorporadas à cultura familiar e social, deixam de ser vistas como um problema, e passam a ser grandes fontes de criação de soluções cotidianas cheias de inventividade e carinho.

### Elaborando a Lógica do Conceito

O “Nomadismo Verbal” pode ser compreendido como uma forma de expressão que não se limita a um estilo ou registro específico. Ele se



adapta a diferentes contextos e situações, assim como um viajante que absorve as influências culturais dos locais por onde passa.

### Exemplos e Contextos

- **Cultura Oral:** Antes da escrita, as sociedades nômades transmitiam conhecimentos exclusivamente por meio da oralidade. Essa tradição está essencialmente ligada à performance da voz e da palavra, demonstrando um caráter de adaptação constante.

- **Poesia Oral:** Para Zumthor, a movência da forma vem da voz e da poesia oral, ao passo que a escrita tende à estabilidade do discurso.

- **Adaptação Linguística:** O “Nomadismo Verbal” também pode ser observado na forma como uma pessoa ajusta seu discurso para diferentes audiências, utilizando vocabulário e estilos distintos.

### Outras Perspectivas

- **Arte e Cultura:** Em contextos artísticos, o “Nomadismo Verbal” pode ser uma expressão que transcende estilos fixos, adaptando-se a diferentes cenários e públicos.

- **Comunicação:** Na comunicação cotidiana, ser verbalmente nômade significa ter flexibilidade para interagir de maneira eficaz em diferentes ambientes e com variadas pessoas.

- **Nômades Digitais:** A ideia de “Nomadismo Verbal” pode ser associada ao estilo de vida dos nômades digitais, que se deslocam frequentemente, trabalhando remotamente e utilizando a linguagem como ferramenta essencial para conexão e interação.

- **Movimentos Sociais:** O conceito também pode se aplicar a grupos que, por meio da comunicação itinerante, mobilizam pessoas e difundem ideais.

Para entender um pouco mais das técnicas de diálogo que utilizei com o Pedro, com alunos com deficiência intelectual, de altas habilidades, superdotados e pacientes terapêuticos, que resultam positivo, deixo dois textos simples que apresento como ilustração dessas técnicas, e podem funcionar com qualquer pessoa:

1. Diálogos Peripatéticos de Aristóteles:  
<https://drive.google.com/file/d/1sodaAaWMNp9bUSCE8k9jinU3cbkPINQI/view?usp=sharing>

2. Diálogos Maiêuticos de Sócrates:  
<https://drive.google.com/file/d/1B0yZShjk6dzSjLsHRq4vtlido3BELks/view?usp=sharing>

## Conclusão

Temos muito a aprender com toda essa neurodiversidade humana, que abrange desde deficiências físicas, sensoriais, intelectuais e mentais até condições, como: superdotação, altas habilidades sub-reconhecidas e situações de vulnerabilidade social. É essencial criar um olhar mais atento para o envelhecimento dessa população e de toda a sociedade, pois sem uma ação coordenada desde já, essas questões negligenciadas tendem a se agravar.

Governanças públicas e privadas devem promover uma conscientização cada vez maior das famílias e da sociedade em relação à neurodiversidade e às diferenças cognitivas. A inteligência solidária na adversidade, aliada a uma honestidade intelectual inegociável, pode transformar o Brasil numa referência mundial na criação de um novo modelo ético-afetivo da neurodiversidade humana. Temos toda a riqueza da nossa diversidade natural a nosso favor. 



**José Augusto Maia Baptista**  
é Neuropsicopedagogo Clínico e Institucional, Pós-graduado em Docência do Ensino Superior, Pós-graduado em Direitos Humanos, Saúde, Acessibilidade e Inclusão, Pós-graduado em Neuropsicopedagogia, Graduado em Ciências Sociais Licenciatura, Professor convidado ENSP/Fiocruz RJ.  
E-mail: [maiaautomaia@gmail.com](mailto:maiaautomaia@gmail.com)  
Site: [www.doisdobrasil.com](http://www.doisdobrasil.com)

## QUEM É CAIO HENRIQUE ROMERO, CRIADOR DO CONCEITO DE JORNALISMO COLABORATIVO INCLUSIVO



Nenhum ser humano é uma ilha. Isso se potencializa ao infinito para a pessoa com deficiência, seja ela qual for. Que dirá para a pessoa com paralisia cerebral, com limitação física de vários níveis. O colaboracionismo é algo vital, do qual depende a própria sobrevivência desse indivíduo. Caio aprendeu desde o nascimento que tudo o que faria na vida teria o olhar solidário, participativo e protetor, a começar da sua mãe e sua família. Hoje, Caio é um profissional de comunicação, pós-graduado e reconhecido, e busca dividir suas conquistas com seus leitores e seguidores como exemplo de convivência compartilhada. Esse é o maior exemplo que ele nos oferece de que, independentemente das próprias limitações e potências, ninguém é tão independente que não precise de ninguém, nem tão dependente que não possa doar bons exemplos de determinação e vitórias diárias.

Caio Henrique Romero nasceu em 28 de fevereiro de 1997, no Mato Grosso do Sul. É jornalista, escritor e influenciador digital, destacando-se por sua atuação em comunicação e inclusão social, mesmo convivendo com paralisia cerebral e sendo usuário de cadeira de rodas. Graduado em Jornalismo Digital pela Universidade Anhanguera UNIDERP em 2019, ampliou sua qualificação com duas pós-graduações que complementam sua expertise na área.

Desde 2017, Caio compartilha sua experiência e conhecimentos através do “Diário do Caio Henrique”, um projeto digital voltado à superação e inclusão. Em 2021, lançou seu primeiro livro, “O Diário do Caio Henrique”, publicado pela Editora Nelpa, onde narra seus desafios e conquistas pessoais.

A partir de sua própria vivência, Caio Henrique Romero desenvolveu o conceito de “Jornalismo Colaborativo Inclusivo”. Ele defende que a informação não apenas transforma, mas também deve inspirar ações. Para ele, o jornalismo deve estimular a participação cidadã, promovendo mudanças sociais significativas.

Como influenciador digital e educador, ele utiliza suas plataformas para propagar informações sobre acessibilidade, direitos das pessoas com deficiência e educação. Em 2024, tornou-se jornalista bolsista do Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio), atuando no bioparque Pantanal, reforçando sua preocupação com a educação ambiental e a preservação da biodiversidade.

Caio também é porta-voz da 1ª Escola do Pensamento Fora do Padrão/Ensino Superior por Outro Caminho, um movimento-incubadora que busca reformular a educação com base na neurodiversidade. Também cursou extensão em Neurociência Epistêmica, em São Paulo/SP, e Educomunicação, na USP. Atuou como representante do Governo de Mato Grosso do Sul, como bolsista no programa Jovem Cidadão, e atualmente é um dos jornalistas digitais do bioparque PPBio, maior empreendimento de biodiversidade natural de Campo Grande/MS e do Pantanal mato-grossense.

Seus perfis nas redes sociais, como Instagram - @diariodocaiohenrique - são espaços de conscientização sobre a inclusão, acessibilidade e direitos das pessoas com deficiência. Seu compromisso é garantir que essas pessoas sejam reconhecidas por suas potencialidades, e não apenas por suas limitações.

A trajetória de Caio Henrique Romero é um testemunho vivo da importância do “Jornalismo Colaborativo Inclusivo”, um conceito que ele próprio aprofundará e apresentará nos seus próximos artigos. Seu trabalho transcende a simples transmissão de informação, promovendo uma mudança real e significativa na sociedade. Seu exemplo mostra que, independentemente das limitações físicas, psíquicas e emocionais, é possível ser um agente de transformação e inspirar uma nova geração de jornalistas e comunicadores comprometidos com a equidade, acessibilidade e oportunidades de convivência digna.

# TURISMO ACESSÍVEL

## INCLUSÃO QUE MOVIMENTA PESSOAS E ECONOMIAS



O processo de inclusão social passa também pela garantia de que todas as pessoas possam viajar com autonomia, segurança e conforto. O Turismo Acessível vem ganhando espaço nas pautas globais e se apresenta como um setor estratégico tanto do ponto de vista social quanto econômico.

Turismo Acessível é aquele que considera as necessidades de pessoas com deficiência, mobilidade reduzida, idosos, gestantes, crianças de colo ou pequenas e até pessoas em recuperação temporária. Isso implica em acessibilizar ou adaptar todo o percurso turístico – transporte, hospedagem, atrações, alimentação e atendimento – para garantir acesso universal. Mas acessibilidade não é apenas instalar rampas ou banheiros acessíveis. Envolve também sinalização adequada, comunicação em múltiplos formatos, capacitação de equipes e atitudes inclusivas. É permitir que todos vivenciem experiências turísticas completas, sem barreiras físicas ou atitudinais.

Socialmente, o Turismo Acessível fortalece direitos, promove autonomia, independência e amplia o pertencimento social de grupos historicamente marginalizados. Ele também contribui para a construção de cidades e destinos mais humanizados e empáticos.

Economicamente, trata-se de um mercado com enorme potencial.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, mais de 1 bilhão de pessoas vivem com alguma deficiência. E este público raramente viaja sozinho: costuma estar acompanhado por familiares, amigos ou cuidadores, o que multiplica o impacto financeiro do turismo desse segmento social.

Devemos considerar ainda que os destinos acessíveis são mais resilientes, diversos e preparados para atender um público mais amplo, incluindo turistas da terceira idade, um segmento que cresce em todo o mundo.

A Austrália é amplamente reconhecida como um dos países mais avançados em Turismo Acessível. Além de infraestrutura adaptada nas principais cidades e atrações turísticas, o país investe fortemente em capacitação, políticas públicas integradas e promoção de destinos

inclusivos. O governo australiano também disponibiliza guias e plataformas online para ajudar turistas com deficiência a planejar suas viagens com segurança e autonomia. É um modelo que alia inclusão com planejamento estratégico de turismo.

O Brasil possui uma das legislações mais avançadas, como a Lei Brasileira de Inclusão – LBI - Estatuto da Pessoa com Deficiência - e normas técnicas da ABNT voltadas à acessibilidade. O programa federal Turismo Acessível, criado pelo Ministério do Turismo, mapeia e certifica destinos com boas práticas de inclusão. No entanto, os desafios para consolidar uma cultura de acessibilidade são grandes.

A realidade brasileira ainda é marcada por desigualdade regional, falta de fiscalização, capacitação limitada e pouca integração entre os setores público e privado. Em destinos como São Paulo/SP, Brasília/DF e Curitiba/PR é possível encontrar boas práticas e iniciativas privadas voltadas à inclusão. Contudo, ainda falta padronização e investimento contínuo para que o turismo acessível deixe de ser exceção e se torne regra.

A acessibilidade deve ser vista como um caminho possível e necessário, um direito de todos, e não como um diferencial de mercado. Incluir é também inovar, acolher e ampliar horizontes. O turismo acessível não é apenas um nicho, é uma oportunidade concreta de transformar o setor em um espaço mais justo, próspero e sustentável.

Para alcançar esse objetivo, é fundamental que governos, empresas, profissionais de turismo e a sociedade como um todo estejam engajados. Afinal, destinos verdadeiramente inclusivos não beneficiam apenas uma parcela da população, mas a todos nós. 



**Geraldo Nogueira**

é Superintendente de Ações para Pessoas com Deficiência da Subsecretaria de Políticas Inclusivas do Estado e Diretor da Diretoria da Pessoa com Deficiência da OAB.RJ.  
E-mail: contatogeraldonogueira@gmail.com

especial

# CADERNO



# LONGEVIDADE

# RUMO À LONGEVIDADE CONSCIENTE

**E** com grande entusiasmo que anunciamos a chegada do novo Caderno de Longevidade à Revista Reação, um espaço dedicado a explorar e refletir sobre os múltiplos aspectos do envelhecimento e dos direitos das pessoas com deficiência e dos idosos. Desde março de 2025, a cada edição, traremos 3 artigos escritos por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, oferecendo uma abordagem rica e multidisciplinar sobre a longevidade.

Nosso objetivo é claro: popularizar a ciência e fomentar um diálogo aberto e acessível sobre este fenômeno que a todos diz respeito. A longevidade não é apenas um fato biológico; é um desafio social, econômico e cultural que requer uma compreensão abrangente e uma ação coletiva. Por isso, nossa revista não é destinada apenas a especialistas, mas a toda a sociedade, pois acreditamos que cidadãos bem informados, independentemente da idade, têm mais ferramentas para promover e defender seus direitos.

O Brasil, refletindo uma tendência global, está vivenciando um rápido envelhecimento da população. Este fenômeno traz consigo uma série de repercuções emocionantes e desafiadoras - da demanda por novas políticas públicas até a reinvenção do mercado para atender melhor às necessidades de uma população diversa e crescente. Cada artigo do nosso caderno de longevidade é cuidadosamente selecionado para estimular reflexões, apresentar inovações em pesquisa e desenvolvimento, e propor soluções que contemplem o bem-estar e a inclusão de todos.

Esse Caderno é, portanto, mais do que uma coleção de textos; é uma chamada para a ação. Queremos empoderar nossos leitores, fornecendo conhecimentos que inspirem atos de cidadania consciente e decisões informadas. Somente através do conhecimento podemos realmente entender e atuar sobre questões como acessibilidade, saúde, qualidade de vida e equidade para as pessoas idosas e com deficiência.

É fundamental que, como sociedade, nos preparamos para as transformações que esse envelhecimento populacional implica. Este não é um desafio exclusivo das pessoas idosas ou das famílias, mas de todos nós, incluindo os jovens que envelhecerão em breve e enfrentarão um mundo que, esperamos, se tornará mais justo e inclusivo.

Convidamos todos a embarcar conosco nesta jornada de descoberta e aprendizado. O caderno de longevidade da revista Reação é um convite ao diálogo contínuo e uma plataforma para a mudança positiva. Juntos, podemos construir uma sociedade mais informada, empática e preparada para o futuro.

Vamos crescer, aprender e antecipar juntos.

Bem-vindos ao nosso novo caderno de longevidade ! 



**Dra. Maria Aparecida Ferreira de Mello** é Pesquisadora/Consultora em Inovação, Inclusão, Longevidade e Tecnologia. CSO da ANGLIS, Professora Afiliada da Disciplina de Geriatria e Gerontologia da EPM-UNIFESP, Coordenadora da Pós Graduação em Gerontecologia: Inovação em Longevidade da Universidade de São Caetano do Sul/SP. E-mail: dramariademello@gmail.com

# TRANSFORMANDO A LONGEVIDADE

## COMO A ENFERMAGEM REDEFINE O ENVELHECER COM HUMANIZAÇÃO E QUALIDADE DE VIDA



**N**o Brasil, a crescente longevidade da população trouxe desafios e oportunidades para a área da saúde, exigindo abordagens que garantam não apenas a sobrevida, mas a qualidade de vida das pessoas idosas. O enfermeiro, peça-chave nesse cenário, vai muito além do cuidado com doenças, atuando também ativamente na promoção da saúde e na prevenção do adoecer, adotando estratégias que incentivam um envelhecimento mais ativo, autônomo e saudável. Para isso, é necessário compreender o envelhecimento de forma ampla, considerando fatores biológicos, sociais e culturais que impactam a saúde da idosa e sua autonomia (Costa et al., 2017).

O cuidado em enfermagem transcende o ambiente hospitalar. Está presente de forma contínua na atenção primária e no acompanhamento domiciliar, promovendo ações educativas, suporte clínico e estratégias preventivas. A prática da escuta ativa durante a consulta de enfermagem, associada a uma avaliação abrangente dos determinantes de saúde do paciente e a um planejamento terapêutico sistemático, é fundamental para identificar necessidades reais e oferecer intervenções qualificadas que impactem positivamente na saúde e qualidade de vida (Garcia 2014).

Além disso, a enfermagem tem um papel estratégico na orientação com as pessoas idosas e de seus cuidadores sobre hábitos saudáveis, uso correto de medicamentos e a importância da atividade física e da alimentação equilibrada. Dessa forma, o enfermeiro se torna um agente de transformação na redefinição da longevidade, contribuindo para que o envelhecer seja um processo humanizado e repleto de qualidade de vida (Costa et al., 2017).

Com o aumento da expectativa de vida, é importante repensar os serviços de saúde para dar suporte ao envelhecimento, promover o bem-estar, a independência e a vida ativa. No entanto, a realidade enfrentada por muitas unidades básicas de saúde revela desafios significativos, com profissionais de enfermagem frequentemente limitando sua

atuação aos aspectos biológicos do envelhecimento, sem considerar a complexidade da vida social e afetiva dos idosos. A enfermagem, como ciência do cuidado, precisa ir além do tratamento de doenças, promovendo intervenções que integrem o bem-estar físico, mental e social, respeitando a individualidade de cada pessoa idosa, e com foco na integralidade da assistência. Dessa forma, a atenção básica deve ser um espaço de acolhimento e suporte contínuo, onde o enfermeiro atue como facilitador do autocuidado e da autonomia da população idosa (Rinaldi et al., 2013).

Para que isso ocorra, é fundamental que o enfermeiro desenvolva uma prática voltada à promoção da saúde e à prevenção de agravos, adotando estratégias como a educação em saúde, o incentivo à participação social e o fortalecimento do vínculo entre a pessoa idosa, a família e a comunidade. A Estratégia Saúde da Família (ESF) trata-se de uma abordagem eficaz para melhorar o atendimento da pessoa idosa, garantindo um cuidado integral e humanizado, valorizando suas necessidades humanas básicas. No entanto, para que essa abordagem seja efetiva, é essencial que os profissionais de enfermagem estejam qualificados para compreender as necessidades específicas dessa população, desenvolvendo ações interdisciplinares que priorizem a qualidade de vida e o envelhecimento ativo (Rinaldi et al., 2013).

Cuidar bem das pessoas idosas é mais do que uma necessidade, é um gesto de respeito e carinho. Com o passar dos anos, surgem desafios e alterações não só físicos, mas também emocionais e sociais, tornando essencial um olhar atento e sensível por parte da equipe de enfermagem. Cuidar de uma pessoa idosa avança para além dos procedimentos médicos, respeito, escuta e acolhimento. A humanização no atendimento assegura que cada pessoa seja tratada com dignidade, preservando sua autonomia e bem-estar. É isso que a Política Nacional de Humanização (PNH) reforça: um cuidado mais próximo, sensível e que valoriza a história de cada indivíduo em sua trajetória vivida. Nesse contexto, a enfermagem desempenha um papel central na construção de um vínculo de confiança com as pessoas idosas, escutando suas demandas, respeitando sua história de vida e garantindo que recebam um cuidado integral, que não se limita na dimensão biológica e inclua também seus diversos aspectos (Ribeiro et al., 2023).

Para fornecer atendimento humano, a equipe de atendimento deve estar totalmente equipada com o conhecimento e a atenção necessários para entender e atender às necessidades de cada pessoa idosa com cuidado e respeito. Estratégias como a escuta qualificada, a comunicação empática e a atenção às particularidades de cada idoso são ferramentas indispensáveis no processo de cuidado. Ademais, a enfermagem deve atuar de forma interdisciplinar, promovendo ações educativas e preventivas que auxiliem as pessoas idosas na manutenção de sua autonomia e na melhoria de sua qualidade de vida. Ao adotar essa abordagem, o profissional de enfermagem não apenas contribui

para um atendimento mais humanizado, mas também fortalece a rede de apoio ao idoso, integrando família, comunidade e serviços de saúde em um modelo assistencial mais inclusivo e eficaz (Ribeiro et al., 2023).

A qualidade de vida na terceira idade é um reflexo direto das condições de saúde física, mental e social da pessoa idosa. Com o avanço da idade, manter hábitos saudáveis se torna essencial para preservar a autonomia e o bem-estar. Para evitar o isolamento e reduzir o risco de doenças crônicas, medidas como exercícios regulares, uma dieta saudável e relacionamentos saudáveis são imprescindíveis. A enfermagem, tanto na atenção básica como no ambiente hospitalar, tem um papel único ao orientar e incentivar as pessoas idosas a adotarem um estilo de vida mais ativo, promovendo o autocuidado e a manutenção da funcionalidade. Além disso, ações educativas e preventivas são ferramentas importantes para reduzir a incidência de agravos à saúde, garantindo um envelhecimento mais saudável e participativo (Garcia, 2014).

Incorporar momentos de lazer no dia a dia da pessoa idosa é uma forma simples, mas eficaz, de enriquecer sua vida. Caminhar ao ar livre, dançar, viajar ou simplesmente se reunir com amigos são formas preciosas de cuidar não só do corpo, mas também do coração. Esses momentos de prazer e troca de afetos trazem leveza à vida, promovendo um envelhecimento mais cheio de saúde, alegria e uma sensação constante de bem-estar. A equipe de enfermagem pode atuar diretamente nesse processo ao estimular a participação das pessoas idosas em grupos comunitários e programas voltados à promoção do envelhecimento ativo. Dessa forma, a longevidade deixa de ser um período de limitações e passa a ser um tempo de novas experiências, ressignificando a terceira idade como uma fase produtiva e repleta de possibilidades (Garcia, 2014).

No contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), os enfermeiros desempenham uma função estratégica na promoção da saúde e na prevenção de doenças, atuando tanto na assistência direta quanto no planejamento e implementação de programas voltados para a qualidade de vida da população. A Estratégia Saúde da Família (ESF) tem aberto portas para a enfermagem se aproximar ainda mais da comunidade, levando cuidado e acolhimento além dos hospitais. Esse cuidado mais próximo das pessoas fortalece a atenção primária e cria um ambiente de confiança e acolhimento, onde se sentem mais seguros e amparados. Essa mudança de paradigma reforça a importância do enfermeiro como articulador entre os serviços de saúde e a população, garantindo que as políticas públicas se traduzam em práticas assistenciais efetivas (Backes, 2012).

Além de sua atuação assistencial, a enfermagem também exerce um papel fundamental na formulação e no monitoramento das políticas de saúde. Os enfermeiros, estando tão próximos da realidade dos pacientes, têm um olhar único e sensível sobre suas necessidades e os desafios do sistema. Através de sua experiência e cuidado diário, eles trazem insights preciosos que ajudam a moldar decisões que realmente fazem a diferença na vida das pessoas. Programas de saúde coletiva, como os voltados para o envelhecimento ativo e a humanização do atendimento, dependem diretamente da expertise da enfermagem para que sejam eficazes. Dessa forma, a profissão se consolida como peça-chave na estruturação de um SUS mais eficiente, promovendo não apenas a cura, mas a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas ao longo do ciclo vital (Backes, 2012).

Envelhecer faz parte da jornada da vida, mas o modo como essa etapa é vivida depende do carinho e cuidado que a sociedade dedica

com suas pessoas idosas. A enfermagem, que combina ciência e arte, tem sido essencial para transformar a maneira se tem visto a longevidade, trazendo saúde, dignidade e qualidade de vida. Seja no cuidado diário, na forma humana de atender ou na criação de políticas públicas, o enfermeiro é um verdadeiro agente transformador, assegurando que o envelhecimento seja vivido com respeito, autonomia e, acima de tudo, favorecendo o bem-estar.

A cada avanço nas estratégias de promoção da saúde, reforça-se a importância de um olhar integral sobre o idoso, que vai além das demandas biológicas e abarca suas necessidades emocionais e sociais. A valorização da escuta, a construção do vínculo e o incentivo ao envelhecimento ativo são pilares essenciais para que a terceira idade seja um período pleno de possibilidades. Nesse contexto, a enfermagem não apenas cuida, mas inspira mudanças, promovendo um futuro onde o envelhecer signifique continuar vivendo com propósito, inclusão e qualidade. 

#### Referências

- COSTA, A. M. et al. Terceira idade: o papel do enfermeiro na promoção e qualidade de vida para o envelhecimento saudável. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO\\_EV075\\_MD4\\_SA4\\_ID535\\_23102017165926.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO_EV075_MD4_SA4_ID535_23102017165926.pdf)>.
- RINALDI, F. C. et al. O papel da enfermagem e sua contribuição para a promoção do envelhecimento saudável e ativo. *Revista Gestão & Saúde*, v. 4, n. 2, p. 2326–2338, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/262>>.
- RIBEIRO, L. DA C. et al. A Importância do Atendimento Humanizado na Saúde do Idoso: O Papel Essencial da Enfermagem. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 5, n. 5, p. 2835–2846, 12 nov. 2023. Disponível em: <<https://bjjhs.emnuvens.com.br/bjjhs/article/view/851/975>>.

GARCIA, S. E. et al. Estratégia para melhorar a qualidade de vida da pessoa idosa. *Especialização em Saúde da Família -Modalidade a distância -Profissionais da Atenção Básica - UNA-SUS* [s.l.: s.n.]. Disponível em: <[https://ares.unasus.gov.br/acervo/bitstream/ARES/20806/1/41407\\_SERGIO%2520ESTEVA%2520GARCIA.pdf](https://ares.unasus.gov.br/acervo/bitstream/ARES/20806/1/41407_SERGIO%2520ESTEVA%2520GARCIA.pdf)>.

BACKES, D. S. et al. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 1, p. 223–230, jan. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000100024>>.

Alexandre Marcos Menegócio

Possui graduação em Enfermagem (1999) pela Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN), Especialização em Enfermagem no Trauma (2002) pela Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN), Especialização em Administração Hospitalar (2005) pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior (2010) pela Anhanguera Educacional, Especialização em Psicopedagogia (2011) pela Anhanguera Educacional, Especialização em Multiprofissional em Intervenções na Dependência Química (2015) pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) Especialização em Metodologias para Educação à Distância (2017) pela Universidade Anhanguera (UNIDERP), Especialização em Preceptoria do SUS (2017) pelo Hospital Sírio-Libanês em parceria com (PROADI SUS), Especialização em Metodologias Ativas e Intermeios no Ensino Superior (2019) pelo Centro Universitário de Jaguariúna (UNIFAJ) e Mestrado em Gerontologia Social (2008) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Soma experiência prática em diferentes serviços de atenção à saúde, tanto no contexto hospitalar como da saúde coletiva, desde (1999) com a prática docente desde (2000), e a gestão acadêmica desde (2007). Atualmente é docente, gestor acadêmico, supervisor e designer instrucional de cursos à distância.



Alexandre Marcos Menegócio

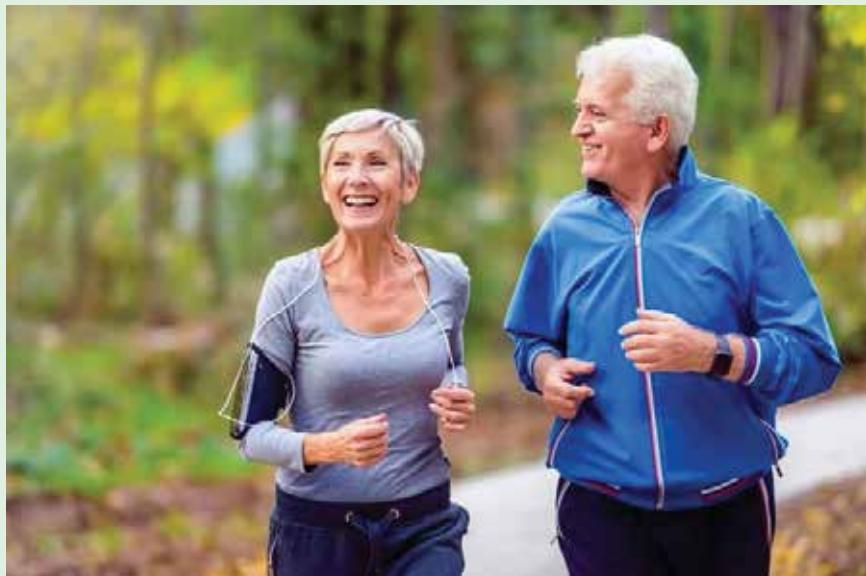
é graduado em Enfermagem com especialização em Enfermagem no Trauma pela Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN), Especialização em Administração Hospitalar pela Universidade de Ribeirão Preto/SP (UNAERP), especialização em Psicopedagogia e Multiprofissional em Intervenções na Dependência Química.



Mariana Doria Guimarães Santaliestra

é graduada em Enfermagem desde 2022 pelo Centro Universitário Max Planck - UniMAX. Estagiária de Enfermagem no próprio centro universitário, atuando no projeto UniMAX Seguro, com experiência em Sala de Primeiros Socorros, promoção e prevenção à saúde. Também atua no projeto como palestrante e facilitadora em capacitações e treinamentos, unindo inovação e humanização nas práticas assistenciais. Possui ampla participação em produções científicas, incluindo iniciações científicas, publicações de artigos e contribuições em coletâneas acadêmicas. Sua formação é continuamente aprimorada por meio de cursos na área de Enfermagem, com ênfase em Saúde do Idoso, Saúde da Família e Atenção Primária à Saúde, além de eventos e capacitações que reforçam seu compromisso com a excelência e o aprendizado contínuo.

# POR QUE A DÉCADA DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL - 2021-2030 - É IMPORTANTE ?



**A** Organização Mundial da Saúde (OMS), declarou o período entre 2021 a 2030, como a Década do Envelhecimento Saudável, ou seja, chama a atenção e para a ação, todos os seus países membros. Ao propor a Década do Envelhecimento Saudável, propõe que sejam realizadas ações de colaboração entre diferentes setores, do governo e da sociedade civil, de forma articulada, para que as sociedades sejam mais acolhedoras, inclusivas e adequadas as necessidades das pessoas idosas. Ao se promover o envelhecimento saudável, estamos chamando a atenção para o crescimento da população idosa no mundo, seus impactos no nosso dia a dia e nas políticas públicas, mostrando que envelhecer tem desafios, mas também tem potencialidades.

No Brasil, assim como a maioria dos países apresentamos um crescente número de pessoas com 60 anos ou mais, temos, se-

gundo o último censo, aproximadamente 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, são 16% da população total brasileira que apresenta características e necessidades distintas nos seus processos de envelhecer.

Para que as sociedades atinjam os objetivos, de construção de espaços e sociedades mais acolhedoras e inclusivas, a Década propõe que as ações se concentrem em quatro grandes áreas de ação:

- mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento. É importante combater o preconceito contra a idade, conhecido como “idadismo”. Valorizar a experiência e as contribuições das pessoas idosas para a sociedade e combater estereótipos negativos, que muitas vezes carregamos em nós.

- garantir que as comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas. As cidades e comunidades devem ser adaptadas para atender às necessidades das pessoas idosas. Isso inclui criar espaços públicos acessíveis, garantir transporte adequado e proporcionar atividades que estimulem a participação social.

- entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa. Os sistemas de saúde devem ser preparados para cuidar das pessoas idosas de forma humanizada e eficiente. Isso inclui a prevenção de doenças, o tratamento adequado e o apoio para o autocuidado, numa perspectiva de acompanhamento, ou seja, de cuidado longitudinal.

- propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que deles necessitem. O acompanhamento de longo prazo, permite uma vida com mais qualidade para os idosos

e também para seus familiares e cuidadores. Pensar o cuidado em rede, e com ofertas de cuidados complementares.

Podemos dizer que este movimento global busca promover a saúde, o bem-estar e a inclusão social, das pessoas idosas. Com o aumento da expectativa de vida, é fundamental que os países se preparem para oferecer condições dignas e saudáveis para suas populações mais velhas. Pois não basta termos vida longa, precisamos e queremos que os anos a mais vividos, sejam vividos com qualidade de vida, respeito, dignidade e direitos garantidos.

O conceito do envelhecimento saudável não se resume à ausência de doenças. Ele envolve a capacidade de manter a autonomia, a independência e a participação ativa na sociedade. Pessoas idosas devem ter acesso a serviços de saúde, ambientes acessíveis e oportunidades de aprendizado e lazer, ao longo de sua trajetória de vida.

Um envelhecimento saudável traz benefícios não apenas para as pessoas idosas, mas para toda a sociedade. Quando as pessoas envelhecem com saúde, elas podem continuar a trabalhar, se assim desejarem, a compartilhar conhecimento e a participar ativamente da vida comunitária. Além disso, a prevenção de doenças reduz os custos com cuidados de saúde e melhora a qualidade de vida de todos.

Para as famílias, um envelhecimento saudável significa ter mais tempo de convivência com seus entes queridos em boas condições de saúde. Para a sociedade, significa aproveitar o potencial das pessoas idosas como fontes de experiência e sabedoria.

A Década do Envelhecimento Saudável é um compromisso global, onde cada pessoa, o Estado e as diferentes instituições, de diferentes setores, podem contribuir de forma significativa:

- Inclusão da perspectiva do envelhecimento nas políticas públicas: pensar o cuidado ao longo do curso de vida, e entender o envelhecimento como uma de suas fases,

- Estimular e possibilitar a prática de hábitos saudáveis: garantir o acesso à saúde, educação, renda, moradia, segurança, alimentação equilibrada, exercícios físicos e cuidado com a saúde mental, fundamentais para um envelhecimento de qualidade,

- Combater o preconceito contra a idade: Valorizar as pessoas idosas e suas experiências, evitando estereótipos e a discriminação,

- Apoiar políticas públicas: Incentivar e participar de iniciativas que garantam direitos e bem-estar para a população idosa, incluir nos planejamentos e ações,

- Nos manter ativo e engajado: Participar de atividades sociais, culturais e de lazer, pois nos ajuda a fortalecer vínculos e a manter a mente ativa.

A Década do Envelhecimento Saudável é uma oportunidade para transformar a forma como a sociedade lida com o envelhecimento, como todos nós lidamos com o nosso próprio envelhecimento.

Ao promover o respeito, a inclusão e a saúde, todos ganham. Cada pessoa, cada comunidade e cada país têm um papel importante nesse processo. Investir no envelhecimento saudável é investir em um futuro melhor para todas as gerações. 

#### Referências e links para aprofundar informações

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE . Agencia de notícias – censo 2022 - <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>

OMS – Década do Envelhecimento Saudável - <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americanas-2021-2030>

Relatório mundial sobre o idadismo, 2022 - <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872>



**Maria Cristina C. L. Hoffmann**

é Psicóloga sanitária. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (UnB), Mestre (ISC/UFBA) e Especialista (UnB) em Saúde Coletiva, especialista em Gestão da Saúde da Pessoa Idosa (ENSP/ FIOCRUZ). Com experiência em gestão de políticas públicas nas áreas de saúde mental, álcool e outras drogas, gestão do conhecimento e saúde da pessoa idosa, no Ministério da Saúde. É pesquisadora e professora convidada do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM). Atualmente é Consultora da OPAS/OMS, para o tema do Envelhecimento Saudável.  
E-mail: cristinachoffmann@gmail.com

# LONGEVIDADE E ESPIRITUALIDADE



**V**iver bem é um desejo primordial de todo ser humano. (Re)desenhar a melhor versão de si mesmo, ao estar atento a questões sociais, culturais, econômicas, emocionais e espirituais, torna-se uma prática rotineira de muitas pessoas. Especialmente para aqueles com certa longevidade.

Quando se atinge a faixa etária dos 60 anos ou mais, o momento da aposentadoria para muitos, adiciona-se a isso a necessidade urgente de se viver e envelhecer saudável, ativo e com uma boa qualidade de vida. É um período da vida que exige uma atenção maior no que concerne à saúde física e mental. Espiritual e emocionalmente, tem-se mais atenção aos sentimentos, relacionamentos e ações para que a vida seja mais equilibrada, paciente, compreensiva e tolerante. Combinam-se, assim, vários aspectos que a Organização Mundial da Saúde determina como saúde e qualidade de vida, ou seja, “um estado completo de bem-estar físico, mental e social”.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, de 2000 a 2023 a população brasileira com 60 anos ou mais passou de 8,7% para 15,6%. Essa faixa etária será a maior parte da população em 2046, com 28%. Esses dados envolvem não só o crescimento demográfico dos 60+, mas a necessidade de políticas públicas no campo do trabalho, saúde, entretenimento etc. que objetivem uma longevidade saudável.

Pesquisas mostraram que o envelhecimento se torna mais saudável entre pessoas que valorizam a espiritualidade como suporte para enfrentar o envelhecimento e para dar significado à própria vida. Estudos do tema como Marinho e Chaves (2017) e Moraes (2014) entendem que no âmbito da saúde mental dos longevos, a espiritualidade é incorporada às características do envelhecimento bem-sucedido, entendido como aquele que preserva a motricidade, a autonomia, a cognição, a produtividade e o engajamento com a vida até a idade mais avançada possível.

Eles destacam que a importância da espiritualidade passou a fazer parte das recomendações para a saúde mental, sobretudo como forma de desenvolver a resiliência e combater a depressão, o

estresse, a ansiedade e doenças crônicas comuns no processo de envelhecimento.

Esses mesmos estudos destacam que, com a longevidade, amplia-se a probabilidade de contato com eventos de perdas e a necessidade da utilização de recursos de enfrentamento para vivenciar, por exemplo, o declínio da saúde física, mudanças psicológicas e sociais, perdas de amigos e parentes que podem conduzir a sentimentos de abandono, de inutilidade, de falta de autonomia e de controle sobre si e seu meio. Por isso, muitas pessoas longevas intensificam sua espiritualidade como via para buscar ou contemplar significados para a vida e lidar com as situações adversas.

Entender a espiritualidade como uma prática para a qualidade de vida não se restringe à religiosidade. Não se pretende aqui, conceituá-la. Há já uma vasta literatura que reflete sobre o tema. Contudo, compreende-se que a espiritualidade envolve práticas que geram bem-estar mental e emocional que aproximam o ser humano do divino e levam-no a experimentar virtudes como a paz, o amor, a compreensão, a felicidade, a coragem dentre tantas. Estas, se acredita, são inerentes.

Contudo, precisam de certo esforço ou práticas para ser acessadas (oração, meditação, yoga, imersão na natureza, disciplina etc), bem como a interação com outros buscam o autoconhecimento ou não.

Entretanto, não se deve esperar chegar aos 60+ para se dá atenção à espiritualidade. Todas as linhas espiritualistas e religiosas são importantes e a escolha é subjetiva. O autor deste texto introduziu a meditação Raja Yoga Brahma Kumaris (há muitos tipos de meditação) como prática diária em sua vida aos 28 anos. Com 60 anos, não só percebe que tem sido um hábito decisivo à sua qualidade de vida como está certo de que deve intensificá-la. A meditação tem revelado significados relevantes à sua vida, à medida que a prática cotidiana e disciplinada o tem conduzido à sua essência virtuosa, resiliente e criativa. Fazendo-lhe reconhecer e apropriar-se das virtudes e habilidades antes desconhecidas e inacessíveis e recuperá-las, lapidá-las, e vivê-las enquanto pensa, sente, age, relaciona-se, trabalha e cria planos para o futuro.

A meditação é uma força poderosa que desenvolve conexões saudáveis com o que acontece em todas as dimensões da vida. É uma prática útil e recomendada por muitos especialistas para a saúde mental. Sobretudo como forma de desenvolver a resiliência e combater a depressão, a estafa, a ansiedade, os medos, as inseguranças, a solidão. Trata-se de uma técnica que afeta positivamente a vida em aspectos que geram bem-estar social, emocional e espiritual. A seguir, são citados alguns deles.

**Virtudes:** o reconhecimento das virtudes pessoais fortalece o indivíduo espiritualmente. É impossível alguém usar as virtudes e não perceber virtudes dos outros em retorno. As relações positivas o provam. O reconhecimento das virtudes dos outros, naturalmente terceira relações respeitosas, harmoniosas e cooperativas. Reconhecer as

virtudes individuais e as dos outros torna as pessoas melhores e mais felizes, compreensivas e instrumentos para humanizar a humanidade.

**Meio ambiente:** as relações com o meio ambiente proporcionam paz, felicidade, simplicidade e cuidado. Há uma profunda ligação entre a natureza e o ser. Os elementos da natureza afetam os pensamentos, os sentimentos, as ações e os relacionamentos, tornando as pessoas mais generosas, compassivas e empáticas.

**Habilidades:** por trás das habilidades há virtudes, bons sentimentos e a construção de relações positivas. Fomentar bons relacionamentos, tocar um instrumento, escrever poesia, por exemplo, inspiram a sensibilidade, a criatividade, a inteligência, a amizade, a admiração pela arte, o afeto por pessoas e o apreço pela espiritualidade.

**Projetos:** atividades individuais ou coletivas movidas pela solidariedade, empatia e respeito são importantes, úteis e plenificam a vida. Ações que envolvem arte, educação, direitos humanos, cuidados com natureza, espiritualidade, criam conexões essencialmente humanas, que desenvolvem um senso de cooperação e solidariedade com o outro e com o planeta. Projetos são gregários, propiciam diferentes formas de viver e compartilhar virtudes, habilidades e servir com o que cada um tem de melhor.

**Papeis:** todo ser humano desempenha diferentes papéis que se conectam com distintas virtudes e habilidades. Ser pai, mãe, amigo, professor, irmão, consumidor, por exemplo, exigem de cada indivíduo virtudes específicas que criam uma teia de beleza, criatividade, cooperação e empatia entre todos, e desenvolvem a inteligência espiritual.

**Visão de mundo:** uma das conexões mais saudáveis é simplesmente o desejo coletivo de ser melhor, regenerar princípios e relações com os outros e com a natureza de forma que se crie um mundo melhor. É uma aventura absolutamente incrível que certamente criará um futuro mais humano. Todo indivíduo pode ser melhor, juntar-se a outras pessoas e instituições e contribuir com pensamentos, comunicação, ações, relacionamentos e posses para tornar este mundo melhor. Isso é espiritualidade.

**Reinventar-se:** é aprender seguindo o percurso de cada dia, não negar o vivido. Para tanto, é preciso ousar, ter coragem, experimentar, reinventar, romper as fronteiras desenhadas individual e socialmente. Pode-se redesenhar o percurso, traçar uma nova cartografia para as ações, aprender com métodos, práticas e análises distintas. Aguçar o intelecto com investigações, meditações sobre algo novo que ascenda ou estimule os sentidos, emoções, intuições, imaginações e virtudes.

**Criatividade:** não seguir uma rotina rígida. Reinvente-se cotidianamente. Por exemplo:

- crie cardápios e cozinhe para si mesmo, família e amigos.
- combine cores, tecidos e acessórios ao vestir-se, criando seu próprio estilo.
- aprecie diversos estilos de música, de diferentes épocas, de distintas culturas.
- encante-se diante da complexidade ou beleza das coisas e procure saber como isso foi feito/funciona/aconteceu/surgiu em sua vida.

• estimule-se com espetáculos excepcionais no campo de diferentes matizes da arte ou do esporte.

• produza um texto, um poema, um desenho sem se preocupar com juízos estéticos.

• planeje algo novo no campo de trabalho todos os dias.

• planeje uma rota alternativa para retornar a casa, um passeio diferente no final de semana, uma viagem de férias inédita.

• crie experiências de meditação, oração, ritual e experimente sentimentos de paz, amor, contentamento e generosidade encantadores e transformadores.

• capte, aprecie e aceite as virtudes dos outros, mesmo de pessoas desconhecidas ou de difícil relacionamento.

A lista poderia se alongar demasiadamente. Crie a sua lista de criatividade anti-rotina. Isso é espiritualidade. Ela é simples, fácil e divertida. A longevidade é uma inexorabilidade do tempo, e o simples fato de se estar vivo, prova que cada ser é criativo. A criatividade é uma das forças motrizes da espiritualidade. Ela ensina que ninguém está pronto, nunca. É saudável perceber que o tempo vivido nos revelou e ainda pode revelar algo novo. Que o tempo presente e o porvir podem revelar novas descobertas, prazeres, virtudes. Se a longevidade para o ser humano é o tempo que passou e transformou a energia do corpo, impondo-lhe limites; o tempo não envelhece a energia do espírito. Ao contrário, ele poderá ser um aliado que, como cantou Caetano Veloso, faz com que o “espírito ganhe um brilho definido” e “espalhe benefícios”. 

## Referências

BARROS, P. S. Tire um momento para si, para (re) conectar-se. In: Om Line. Edição 29, ano 8. Disponível em: <https://brahmakumaris.org.br/revista-om-line/>. Acesso em: 03 mar. 2025.

MARINHO, M. S.; CHAVES, R. N. Longevidade e espiritualidade: o envelhecer como uma dádiva de Deus. RBCEH, Passo Fundo, v. 14, n. 2, p. 159-168, maio/ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.5335/rbceh.v14i2.6702>. Acesso em: 03 mar. 2025.

MORAES, M. R. C. Reza para a vida longa: espiritualidade como fator de longevidade, segundo o noticiário. Revista Nures | Ano X | Número 27 | Maio-Agosto de 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/25361>. Acesso em: 03 mar. 2025.



**Paulo Sergio Barros**

é graduado e Mestre em História, Especialista em Geografia e Meio Ambiente, Doutorando em Educação, escritor e professor com experiências no ensino fundamental, médio, educação de jovens e adultos e Superior.

# COLIVING

## UMA ALTERNATIVA DE RESIDÊNCIA PARA A POPULAÇÃO IDOSA



O envelhecimento da população é um dos grandes desafios do século XXI. Em dados globais, a Organização Mundial de Saúde estima que em 2050 o número de pessoas com mais de 60 anos poderá alcançar os 22% da população mundial. Sabe-se que, somadas ao envelhecimento da população, estão ocorrendo grandes mudanças sociais que podem significar uma forma de envelhecer muito diferente das experiências de gerações anteriores (WHO, 2015).

O presente artigo explora o conceito do “Ageing in place” e tem como objeto a descrição do “Coliving” como uma forma alternativa de residência para os tempos atuais, tendo em conta as novas formas de relacionamento social e os benefícios sociais que podem agregar essa alternativa de moradia.

O “Ageing in place” é um conceito recente no campo da gerontologia que focaliza a sua discussão na compreensão das mudanças que ocorrem no envelhecimento e no ambiente envolvente, elegendo a manutenção da pessoa no seu meio natural como modalidade preferencial de vida (Fonseca, 2021; Pynoos et al., 2012). Alguns estudos revelam que, com o avançar da idade, é cada vez maior o interesse da pessoa idosa em permanecer na sua habitação atual, reafirmando o seu relevante papel na manutenção da independência funcional e da atividade social.

As opções de habitação para idosos têm, muitas vezes, se limitado a permanecerem de forma independente em suas residências ou a serem institucionalizados. A possibilidade de manutenção dos idosos nos seus domicílios possibilita o desejo amplamente expresso de poderem continuar inseridos no seu meio habitual de vida. Neste espaço

estão cercados das representações do seu quotidiano, das suas vivências passadas e dos marcos da sua existência vividos, mas ainda com um grande problema declarado que é a solidão e falta de retaguarda. Outra alternativa é a institucionalização, onde Paúl (1997) identificou a perda da capacidade funcional como a principal razão encontrada para esta decisão. Todavia, sabe-se que a entrada numa estrutura residencial para idosos (ILPIs - Instituições de Longa Permanência para Idosos) provoca sempre uma rutura com o quadro de vida anterior da pessoa e quase sempre com a comunidade a que ela pertencia.

Há, entretanto, outras alternativas que ainda podem ser consideradas e implementadas. Com efeito, existe um interesse crescente por formas alternativas de habitação e de vida que estão alinhadas com as

expectativas daqueles que atualmente entram na chamada terceira idade. Uma das alternativas são os modelos que se assemelham ao “Coliving”, relacionado e em sobreposição ao conceito de “Co-housing”, que é um modelo de habitação colaborativa originário da Dinamarca, criado nos anos 70 do século XX. Esta pode ser uma solução habitacional inovadora. Foi a partir da experiência do Co-housing que surgiu o Coliving, uma forma de habitar em que, numa moradia, encontram-se os espaços privados e compartilhados. Este conceito é apresentado como “um modo de morar compartilhado e pensado para uma vida baseada em um propósito e que valoriza o compartilhamento e a colaboração”.

É uma proposta de habitação que concilia espaços coletivos com unidades privadas a cada residente (Vestbro, 2010), caracterizada por um conjunto de moradias autônomas e próximas, além de espaços de uso comum conforme definições da própria comunidade. A sua principal finalidade é incentivar a economia de recursos

naturais e a socialização dos indivíduos que vivem ali. Sabe-se que a criação de um projeto de “Co-housing”, apesar de não haver um valor de custo determinado, trata-se de uma grande estrutura, com uma nova construção, reforma ou adequação de uma estrutura residencial existente.

A organização de um “Co-housing” pode ser bastante flexível, mas o mais comum são casas ou apartamentos independentes (equipados com todos os serviços essenciais de uma habitação: quartos, banheiros, cozinha, sala de estar) e espaços comuns partilhados, que habitualmente incluem uma cozinha e sala de refeições, lavanderia, sala de convívio, espaços recreativos e de lazer, e, por

vezes, quartos para hóspedes. O “Co-housing” é intencionalmente pensado com um sentido comunitário, de modo que os residentes sejam participantes ativos no contexto onde vivem e responsáveis pelo funcionamento da comunidade.

Já na proposta do “Coliving” a ideia é a de que as pessoas morrem em uma mesma casa ou prédio, onde cada uma preserve o seu espaço individual – com quarto e se possível, banheiro. Vão dividir espaços comuns, como cozinha, lavanderia, salas de convivência, jardim, entre outros. Segundo Fonseca (2021), este modelo parece mais viável financeiramente, apesar de haver redução no espaço privativo quando comparado com o “Co-housing”.

Tanto o Co-housing como o Coliving são apontados por diversos autores como uma reação face ao período atual, muito marcado por uma sociedade individualista e capitalista, de fragmentação e isolamento, desejando reensinar a viver de forma mais solidária (Vitorino, 2017). No atual contexto social e econômico brasileiro e mundial, é indispensável desenvolver soluções inovadoras e interdisciplinares de resposta às políticas sociais e formas alternativas de moradia. Essas formas de habitação devem ser discutidas como alternativa à institucionalização e à opção de permanecerem nas suas casas e/ou na sua comunidade o maior tempo possível, mantendo assim um maior sentido de identidade.

Diversos autores apontam para a necessidade de se olhar para as formas e o modo como se habita - da necessidade de ter um espaço individual num contexto de uma comunidade. O “Coliving” mostra-se como um modelo que aborda essas questões, melhorando a qualidade de vida das pessoas, num espírito de colaboração e que pode atravessar gerações. Esse modelo de habitação difere muito de um condomínio ou mesmo uma cooperativa de habitação e tem a sua ideologia calcada em uma habitação comunitária, tanto ao nível da arquitetura física como ao nível da relação entre as pessoas. Essa proposta, ao invés de ser um modelo utópico, pode ajudar a resolver problemas práticos associados ao envelhecimento e constituir uma solução de urbanismo sustentável, nomeadamente, facilitando as relações sociais e diminuindo dessa forma o risco de isolamento social, reconhecidamente um dos principais problemas do envelhecimento atual. Poderá, também, funcionar como um estímulo para a autonomia individual, fazendo prolongar a competência e a autonomia, e potencializando as capacidades de realização num contexto seguro. Finalmente, as necessidades de cuidados de saúde podem ser mais bem atendidas num contexto desta natureza, providenciando cuidados diferenciados à medida que as pessoas envelhecem.

Esses modelos de coabitação para pessoas mais velhas estão inseridos numa verdadeira perspectiva de “Ageing in place”, pois se trata de uma experiência privada, como alternativa à institucionalização. A grande diferença entre viver em casa, num espaço privado, e viver numa instituição coletiva, é que no seu espaço privado podem ter escolha na forma de administração da sua vida, dispondo de autonomia para tomar decisões acerca da configuração do espaço físico, a organização das rotinas diárias ou a forma como interage com o que está à sua volta.

Reconhece-se a existência de uma população mais envelhecida e dependente que continua a se beneficiar das respostas atuais existentes em instituições de longa permanência, mas há um aumento exponencial de um outro grupo com necessidades variadas

e que necessitam de novas propostas de apoio sociais. As respostas

habitacionais para a população mais ativa e autónoma exigem uma atualização.

A habitação para idosos deve apoiar o seu envelhecimento saudável no local, mas também deve promover sua interação social, a fim de reduzir os efeitos do isolamento social.

O “Coliving” pode de fato ajudar as pessoas a mantêm e a criarem novas relações e isso, de algum modo, combate o isolamento e o abandono. A literatura atual mostra os benefícios em termos de saúde física e mental pelas vivências neste estilo habitacional, onde o convívio social, o envolvimento nas tarefas e a partilha resultam na diminuição de casos de depressão, dependência e solidão. Também é preciso ter em consideração a questão econômica, outro dos problemas desta população que, com este modelo de habitação, consegue aliar uma redução das despesas diárias à manutenção e os serviços agregados e ainda manter sua vivência na comunidade. 

## Bibliografia

Bárrios, M. J., Marques, R., & Fernandes, A. A. (2020). Envelhecer com saúde : estratégias de ageing in place de uma população portuguesa com 65 anos ou mais. *Revista de Saúde Pública*, 1–11.

Fonseca, A. M. (2018). Boas práticas de Ageing in Place. Divulgar para valorizar. Guia de boas práticas.

Fonseca, A. M. (2021). Ageing in Place. Envelhecimento em Casa e na Comunidade. In Fundação Calouste Gulbenkian. <https://doi.org/10.4324/9780429243097-4>

Paúl, M. C. (1997). Lá para o fim da vida: idosos, família e meio ambiente. (L. Almedina (ed.)).

Pynoos, J., Liebig, P., Alley, D., & Nishita, C. M. (2012). Homes of choice: Towards more effective linkages between housing and services. In *Linking Housing and Services for Older Adults: Obstacles, Options, and Opportunities* (Vol. 18, Issues 3–4, pp. 5–50). [https://doi.org/10.1300/J081v18n03\\_02](https://doi.org/10.1300/J081v18n03_02)

Vestbro, D. U. (2010). Living Together - Cohousing Ideas and Realities around the World.

Vitorino, M. (2017). Cohousing. Estratégias de desenho e escalas de habitar em comun.

World Report on Ageing and Health. (2015)



Ana Carolina Graetz Nogueira de Almeida

é terapeuta ocupacional, mestre em Gerontologia Social Aplicada pela Universidade Católica Portuguesa (Braga), assessora de projetos sociais da AME (Associação Amigos Metrovários dos Excepcionais).



CONHEÇA A MAIOR  
**GRÁFICA BRAILLE**  
DA AMÉRICA LATINA



*FastBraille*

**ACESSIBILIDADE  
NA VELOCIDADE NECESSÁRIA**

SOMOS A FORMA MAIS RÁPIDA E INTELIGENTE PARA FAZER SUA EMPRESA  
COMEÇAR A ATENDER, DE VERDADE, PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO.



**Sabia que no Brasil somos mais de 6,5 milhões de pessoas com baixa visão e 540 mil pessoas cegas?** A impressão braille-tinta vai além de uma obrigação legal, é a tecnologia ideal e insubstituível para assegurar a plena inclusão desse público no uso de documentos, e na leitura de livros, cardápios e materiais de comunicação. Venha participar deste mundo acessível com a Fast Braille.